

**Organizador**

Fábio Bonfim Duarte

**Cisão de caso,  
telicidade e posse  
em línguas indígenas  
brasileiras**

Belo Horizonte  
FALE/UFMG  
2007

**Diretor da Faculdade de Letras**

Jacyntho José Lins Brandão

**Vice-Diretor**

Wander Emediato de Souza

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Revisão e normalização**

Carolina Zuppo

**Formatação**

Michel Gannam

**Revisão de provas**

Os autores

**Endereço para correspondência**

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

*e-mail*: vivavozufmg@yahoo.com.br

## **Sumário**

### **Apresentação . 5**

Fábio Bonfim Duarte

### **Marcação de caso nos argumentos nucleares da língua Ka'apor . 8**

Mário Alexandre Garcia Lopes

### **Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em maxakalí . 34**

Carlo Sandro de Oliveira Campos

### **Sistemas de Caso e concordância em Tenetehára . 77**

Fábio Bonfim Duarte

### **Estudo sobre os nomes em Mbyá Guarani: a posse . 115**

Maria Luisa de Andrade Freitas

### **Duplicação como pluralidade de eventos télicos em juruna . 144**

Suzi Oliveira de Lima

### **Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional . 185**

Marco Antônio Bomfoco

## Apresentação

Fábio Bonfim Duarte

É com satisfação que disponibilizamos este volume dos Cadernos *Viva Voz*, intitulado “Cisão de Caso, Telicidade e Posse em Línguas Indígenas Brasileiras”, em que reunimos artigos dedicados exclusivamente ao estudo gramatical de cinco línguas indígenas brasileiras, a saber: o Tenetehára, o Ka’apor, o Mbyá Guarani, o Juruna e o Maxakalí. Os textos referentes aos estudos sobre as línguas Tenetehára, Mbyá-Guarani, Maxakalí e Ka’apor constituem resultados da pesquisa estimulada a partir das disciplinas *Morfossintaxe de Línguas Indígenas* e *Modelos de Análise Lingüística*, que foram ministradas por mim, entre os anos de 2004 a 2006, no Bacharelado em Lingüística e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (PosLin) da FALE/UFMG.

O primeiro artigo, elaborado pelo doutorando Mário Garcia, trata da predicação na língua Ka’apor. A hipótese do autor é que essa língua exibe um sistema cindido de codificação dos argumentos nucleares, o qual é engatilhado pela ocorrência da partícula enclítica [.ke] a DPs na função sintática de (O) e (So), prevalecendo assim o sistema nominativo-absolutivo. Adicionalmente, o autor mostra que, diferentemente de outras línguas da família lingüística Tupi-Guarani, é possível operarmos uma distinção entre a classe de verbos inergativos e inacusativos, tomando por base o papel temático que o sujeito (Sa) e o sujeito (So) desses verbos assumem e a ocorrência da partícula [.ke] em sujeito de predicados inacusativos.

O segundo artigo, desenvolvido pelo doutorando Carlo Sandro, investiga a predicação verbal na língua Maxakalí. O autor mostra um tipo de cisão de codificação dos argumentos um pouco distinta da do Ka’apor. A hipótese é que o Maxakalí exibe um sistema ergativo cindido (*split-ergativity*). Neste sistema, apenas o sujeito agente (A) de verbos transitivos e o

sujeito (Sa) de verbos inergativos vêm marcados com a partícula ergativa [te].

O terceiro artigo, produzido por mim, lança a hipótese de que a cisão na codificação dos argumentos nucleares (A), (S) e (O) em Tenetehára é condicionada pela natureza semântica dos predicados descritivos e pelos traços semânticos [(+PESSOA) +EGO, +TU] que os DPs<sub>sujeito</sub> e objeto carregam. Outro objetivo é mostrar que a codificação do Caso nominativo e do Caso absolutivo dá-se por meio de afixo no verbo e não por meio de afixos nos DPs argumentos nucleares. Aponto ainda que a distinção entre inacusativos e inergativos não é alcançada inteiramente pelos prefixos absolutivos.

O quarto artigo desenvolvido pela acadêmica Maria Luisa Freitas, do Bacharelado em lingüística na UFMG, discute o fenômeno da posse na língua Mbyá-Guarani. A autora fornece evidências empíricas a favor da hipótese de que a distinção entre posse alienável e inalienável pode ser culturalmente determinada. Adicionalmente, postula-se que o fato de a posse ser gramaticalmente marcada por meio dos prefixos relacionais de Caso genitivo contribui para alocar os nomes em, pelo menos, três subclasses: (i) a classe dos alienáveis; (ii) a classe dos inalienáveis de tema em vogal e (iii) a classe dos inalienáveis de tema em consoante.

O quinto artigo desenvolvido pela acadêmica Suzy de Oliveira de Lima, do Bacharelado em Lingüística na USP, discute eventos tomando como ponto de partida a língua Juruna. A autora procura identificar um grupo de verbos que duplica em contextos de pluralidade de eventos e outro grupo de verbos que não duplica no mesmo contexto.

O último artigo, de Marco Antônio Bomfoco, professor da Faculdade de Tecnologia Senac Passo Fundo, apresenta uma síntese sobre os sistemas de Caso detectados pela literatura tipológica. Focalizam-se os sistemas ergativos em línguas indígenas brasileiras, como o Kaingang e o Xokleng, entre outras.

Por fim, gostaria de deixar registrado aqui o meu profundo agradecimento à professora Sônia Queiroz, pelo convite e pelo importante incentivo para que preparássemos esta coletânea. Entendemos que o presente volume constituirá boa oportunidade para divulgarmos as pesquisas que vêm sendo realizadas sobre a sintaxe das línguas indígenas brasileiras, no âmbito dos programas de Bacharelado e de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG/POSLIN.

## Marcação de caso nos argumentos nucleares da língua Ka'apor

Mário Alexandre Garcia Lopes<sup>▪</sup>

"Creio, mesmo, que a função real de tudo que os índios fazem é criar beleza." Darcy Ribeiro.

**Abstract:** This paper aims at investigating the Case system in the Ka'apor language. This system is triggered either by the semantic nature of stative predicates or by the semantic nature of D/NPs that usually can receive the particle [kə]. This particle marks the absolutive Case and encode the Theta Role [+PATIENT]. Taking in consideration the Case assignments in the language, we will posit a new division in the verbal classes in Ka'apor. We propose the verbs in Ka'apor may be classified into five subgroups: descriptive verbs, unaccusative verbs, inergative verbs, transitive verbs and ergative verbs.

### Introdução

O Ka'apor tem sido classificado como uma língua que marca Caso nominativo (Corrêa da Silva, 1997, 2002; Kakumasu, 1986; Jensen, 1980, 1998). A manifestação do Caso se realiza no verbo por meio dos prefixos pessoais que co-referenciam os argumentos na posição de sujeito de verbos transitivo (A) e intransitivo (S), conforme mostram as orações a seguir:

- (1) *a-ho*  
[a' hɔ]  
eu-ir  
"Eu fui"  
(Corrêa da Silva, 2002, p. 345)

<sup>▪</sup> Universidade Federal de Minas Gerais  
Doutorando/Poslin

- (2) *u-hyk*  
[u' hɨk]  
3-chegar  
"Ele chegou"  
(Corrêa da Silva, 1997, p. 63)
- (3) *a-sak ihē ø-ehe*  
[a' sak i' hē ε' hε]  
eu-ver eu OBLIQ-a  
"Eu vi a (ele)"  
(Corrêa da Silva, 2002, p. 345)
- (4) *a-sak pehē r-ehe*  
[a' sak pe' hē rε' hε]  
eu-ver você OBLIQ-a  
"Eu vi a vocês"  
(Corrêa da Silva, 2002, p. 345)

Em (1), (2), (3) e (4) nota-se que os verbos intransitivos e transitivos são marcados com os prefixos pessoais de primeira e terceira pessoa, {a-, u-}, que fazem referência aos argumentos em posição de sujeito. A partir dessa marcação, pode-se delimitar o Caso nominativo, pois a língua Ka'apor trata o sujeito do verbo transitivo (A) da mesma maneira que o sujeito do verbo intransitivo (S). Porém, Duarte e Garcia (2006) averiguaram a possibilidade de o Ka'apor manifestar, além do Caso nominativo, o Caso absoluto. Este último realiza-se pelos prefixos relacionais que figuram nos verbos descritivo e pela partícula [.ke] que vem enclítica ao sujeito (So) de verbos inacusativos. A hipótese desenvolvida pelos autores é a de que a função gramatical dessa partícula é indicar Caso e papel temático aos argumentos (So) e (O). Tomando por base essas considerações iniciais, busca-se, neste artigo, descrever a marcação do Caso nominativo e a do Caso absoluto nas orações independentes. Procuramos estabelecer uma taxonomia que capte as diferenças sintáticas e semânticas dos verbos estativos, inacusativos, inergativos e ergativos.

Dividimos este texto em quatro seções. Na seção (1), fazemos uma breve apresentação sobre a língua e a localização da etnia Ka'apor; na seção (2), apresentamos os tipos de marcação de Caso catalogados pelas pesquisas tipológicas; na seção (3), descrevemos a manifestação dos Casos nominativo e absoluto nas orações independentes; e, por fim, na seção (4), propomos uma subclassificação para os verbos em Ka'apor.

### Etnia Ka'apor: língua e localização

A língua Ka'apor pertence ao subconjunto VIII da família Tupi-Guarani e compartilha traços fonológicos e gramaticais<sup>1</sup> com as línguas Wayampi, Wayampipukú, Emérillon, Zo'e, Anambé, Guajá, Awré, Awrá, Takunhapé (cf. Cabral; Rodrigues, 2002).

Atualmente os índios Ka'apor vivem na divisa dos estados do Pará e Maranhão. Estima-se que haja aproximadamente mil índios distribuídos em onze aldeias, a saber:

- (5) *Xie pyhun r-enda*  
[ʃi' ε pɨ' hun re' na]  
curió preto GEN-lugar  
"Lugar do curió preto"
- (6) *Parakuy r-enda*  
[paraku' ɨ re' na]  
paracuí GEN-lugar  
"Lugar da Paracuí"

<sup>1</sup> Abaixo arrolamos alguns dos traços fonológicos e gramaticais considerados por Rodrigues (2002) na delimitação dos subconjuntos da família Tupi-Guarani:

- prefixos marcadores de sujeito nos verbos transitivos e intransitivos;
- prefixos relacionais em nomes, posposições e verbos;
- presença do fonema /j/ em palavras como *jajty* (lua), *kujã* (mulher), *juru* (boca); *paje* (xamã), *peju* (soprar)
- presença ou ausência de pronomes pessoais ergativos;
- distinção entre marcas de primeira pessoa inclusiva de acordo com a transitividade do verbo;
- presença de um sistema de partículas que associam funções epistêmicas de atestado/não atestado pelo falante a noções temporais escalonadas.

(7) *Pakury-ʻy* *r-enda*  
 [pakurɨ-ʻʔɨ reʻna]  
 bacuri-árvore GEN-lugar  
 “Lugar do bacurizeiro”

(8) *Urutawy* *r-enda*  
 [urutawʻɨ reʻna]  
 coruja GEN-lugar  
 “Lugar da Coruja”

(9) *ximbo* *r-enda*  
 [ʃiʻmbɔ reʻna]  
 ximbo GEN-lugar  
 “Lugar do ximbó”<sup>2</sup>

(10) *waxíngy* *r-enda*  
 [waʃiʻŋɨ reʻna]  
 uaxingui GEN-lugar  
 “Lugar do uaxingui”<sup>3</sup>

(11) *arasa-ty* *r-enda*  
 [arasaʻtɨ reʻna]  
 arasa-plantação GEN-lugar  
 “Lugar da plantação de arasa”<sup>4</sup>

(12) *pykyʻa-ʻy* *r-enda*  
 [pɨkɨʔa-ʻʔɨ reʻna]  
 piquí-árvore GEN-lugar  
 “Lugar da árvore do Pequí”

<sup>2</sup> *Ximbó* é um tipo de cipó utilizado na pescaria. Quando o ximbó é colocado dentro da água do igarapé, libera-se um veneno que provoca a morte dos peixes.

<sup>3</sup> *Uaxingui* é uma árvore da qual se extrai a casca para fazer vitamina.

<sup>4</sup> *Arasa* refere-se a um matinho que nasce nas águas. Com relação à pronúncia da palavra *arasaty*, registram-se as formas [arasaʻtɨ] variando com [arasaʻtʃi]. A primeira é considerada pelos falantes Kaʻapor como a pronúncia de prestígio e a segunda como a estigmatizada. Talvez, uma possível explicação para essa estigmatização seja o fato da africada alvéolo-palatal não-vozeada [tʃ] ser influência do português brasileiro, uma vez que não há o fone [tʃ] na língua Kaʻapor.

(13) *kumaru-ʻy* *r-enda*  
 [kumaru-ʻʔɨ reʻna]  
 cumaru-árvore GEN-lugar  
 “Lugar da árvore Cumaru”<sup>5</sup>

(14) *jatahuty* *r-enda*  
 [jatahuʻtɨ reʻna]  
 babaçu GEN-lugar  
 “Lugar do Babaçu”<sup>6</sup>

(15) *xixindu*  
 [ʃiʃiʻnu]  
 sítio novo  
 “Sítio Novo”

Observando os nomes das aldeias, nota-se que cada nome descreve uma característica do ambiente onde se localiza a aldeia. Os nomes listados de (5) a (14) são sempre seguidos da palavra “renda” (lugar). Porém, em (15), o nome “xixindu” não vem acompanhado da palavra “renda”. Essa diferença entre os nomes das aldeias se deve ao fato da aldeia Sítio Novo estar localizada às margens do rio Gurupi, enquanto as demais aldeias estão no interior da selva maranhense.

O nome da etnia é derivada das palavras *Kaʻapor*, “moradores da mata”, ou *Kaʻa pypor*,<sup>7</sup> “pegadas na mata”. Também os Kaʻapor são denominados de *urubu-Kaʻapor*. Essa

<sup>5</sup> *Cumaru* é uma árvore de onde se extrai remédio para dores de ouvido e garganta.

<sup>6</sup> *Babaçu* faz referência ao coco.

<sup>7</sup> Os fones e as categorias gramaticais do nome da etnia Kaʻapor se realiza conforme a transliteração abaixo:

(1) kaʻa ø-py-por  
 [kaʔa pɨ-pɔɾ]  
 mata obliq-pé-nomi.  
 “Pegadas na mata”

(2) Kaʻapor  
 [kaʔa-pɔɾ]  
 mata-nomi  
 “Moradores da mata”

expressão foi atribuída aos índios pelos portugueses e brasileiros no século XIX, e por indigenistas na década de 50. O termo faz referência ao costume dos Ka'apor de comerem reunidos uma caça até que dela restem apenas os ossos.

### Marcação de Caso: definição e classificação

Consoante Dixon (1979), Comrie (1981), Whaley (1997), Bobaljik (1993) e Adger (2003), a marcação de Caso no predicado verbal trata das relações gramaticais estabelecidas entre o verbo e seus argumentos. Essas relações expressam as funções sintática e semântica assumidas pelos argumentos na oração. Na função sintática, a marcação de Caso mostra os argumentos que preenchem a posição de sujeito e de objeto, e na semântica, os argumentos que possuem o controle ou não do evento descrito pelo verbo.<sup>8</sup>

Os verbos transitivos ativos possuem argumentos nas funções sintática e semântica de sujeito-agente (A) e de objeto-paciente (O). Nos predicados intransitivos e descritivos, os argumentos ocorrem somente na posição sintática de sujeito, mas com relação à função semântica, o sujeito pode ser paciente (So) em verbos inacusativos ou, então, agente (Sa) em verbos intransitivos-inergativos.<sup>9</sup> Cabe ainda ressaltar que a realização de Caso pode ocorrer (i) por meio de afixos nos D/NPs argumentos, (ii) por meio de afixos nos verbos ou (iii) o Caso se identifica pela ordem rígida dos constituintes dentro da oração.

As pesquisas tipológicas geralmente delimitam seis tipos de marcação de Caso nas línguas, a saber: o nominativo-

acusativo, o ergativo-absolutivo, o ergativo cindido, o tripartido, o foco-acusativo e o neutro.

O sistema nominativo-acusativo é caracterizado por alinhar o sujeito do verbo transitivo (A) do mesmo modo que o sujeito do verbo intransitivo (S). Neste sistema, enquanto (S) e (A) são marcados pelo Caso nominativo, o objeto (O) é marcado pelo Caso acusativo.

O sistema ergativo-absolutivo ocorre quando o sujeito do verbo intransitivo (S) e o objeto do verbo transitivo (O) recebem o Caso absolutivo, diferindo do Caso ergativo atribuído ao sujeito do verbo transitivo ativo (A). O esquema abaixo expressa o alinhamento dos argumentos nucleares dos dois sistemas:

	Sistema Nominativo	Sistema Ergativo
	argumento	
	A	Ergativo
Nominativo	{	
	S	
	}	Absolutivo
Acusativo	O	

Figura 1 – Sistemas Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo

Já no sistema cindido, o sujeito do verbo transitivo (A) alinha-se ao sujeito-agente do verbo inergativo (Sa), enquanto o objeto (O) alinha-se ao sujeito-paciente (So) dos verbos inacusativos e descritivos, conforme mostra o esquema a seguir:

<sup>8</sup> De acordo com Dixon (1979, p.70), "That NP whose referent can initiate and control the activity (if anything can) is recognized as being in A function in a transitive sentence. The core NP whose referent cannot be controller is taken to be in O function. For some intransitive verbs, the S NP can be controller of the action (e.g. jump, speak); this could be described as Sa. [...] For other intransitive verbs, the S NP can not control the action (e.g. break, die, yawn), and has the same semantic status as an O NP; we can refer to this as subtype So of S. It is now natural to use Co for both O and So functions."

<sup>9</sup> No âmbito da literatura gerativista, distinguem-se duas classes de verbos monoargumentais: os inacusativos e os inergativos. Em consonância com Levin e Rappaport (1995, p.3): "an unergative verb takes a D-structure subject and no object, whereas an unaccusative verb takes a D-structure object, be it clausal or a simple NP – and no subject".

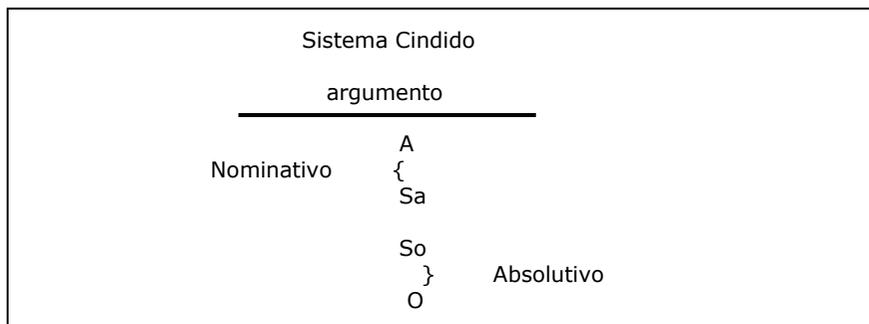


Figura 2 – Sistema Cindido

No sistema tripartido, os argumentos (A), (O) e (S) recebem Casos diferentes, isto é, não há alinhamento entre NPs na posição de sujeito e objeto. Um exemplo é a língua wangkumara da família Pama-Nyungan da Austrália, citada por Whaley (1997, p.158):

(16) *Kana - ulu kalkana titi-nana*  
 homem-ERG bater cachorro-AC  
 "O homem bateu no cachorro"

(17) *Kana - ia paluna*  
 homem-NOM morrer  
 "O homem morreu"

Em (16), o sujeito do verbo transitivo (A) recebe a marca de Caso ergativo por meio do sufixo {-ulu}; o objeto (O) é marcado com Caso acusativo pelo sufixo {-nana}; e em (17), o sujeito do verbo intransitivo (S) aparece marcado com Caso nominativo pelo sufixo {-ia}.

O esquema a seguir representa o sistema tripartido:

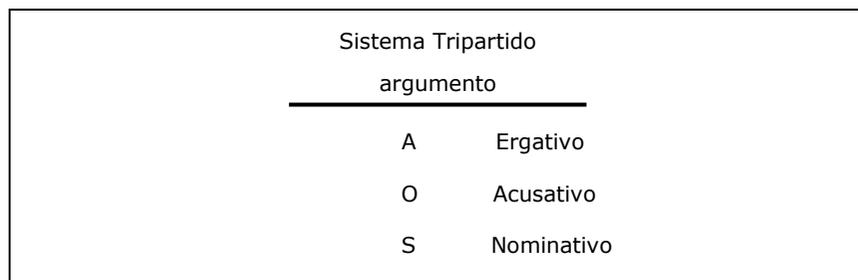


Figura 3 – Sistema Tripartido

O sistema foco-acusativo alinha o sujeito do verbo transitivo (A) com o objeto (O) e difere o sujeito do verbo intransitivo (S). Segundo Comrie (1981), a ocorrência desse tipo de marcação de Caso nas línguas do mundo é extremamente restrita, sendo encontrado somente em algumas línguas iranianas. O esquema seguinte representa a configuração desse sistema:



Figura 4 – Sistema Foco-Acusativo

E, por fim, o sistema neutro não distingue morfossintaticamente o Caso dos argumentos nucleares (A), (S) e (O). Esse sistema também é raro de ser encontrado nas línguas do mundo. O esquema abaixo contém a representação do sistema neutro:

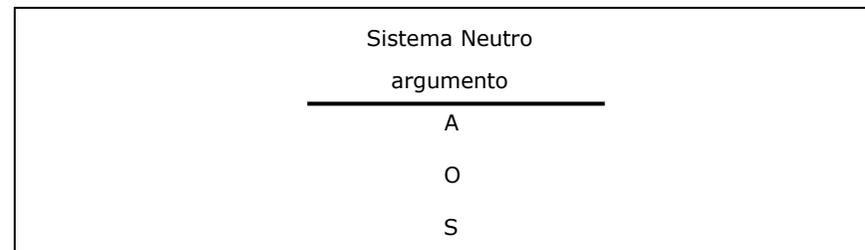


Figura 5 – Sistema Neutro

### Características gerais na marcação de Caso nas orações independentes em Ka'apor

Em Ka'apor, observa-se que a marcação de Caso nas orações independentes pode se realizar tanto no verbo quanto nos

argumentos. No verbo, os morfemas de Caso são os prefixos nominativos e os prefixos relacionais (=absolutivo). Já nos argumentos, Duarte e Garcia (2006) propõem a possibilidade de a partícula [.ke] ser a marca morfológica de realização do Caso absolutivo. Os prefixos nominativos afixam-se aos verbos transitivos e intransitivos (inergativos e inacusativos), alinhando os sujeitos (A) e (S). Esse tipo de alinhamento codifica o Caso nominativo. Os verbos descritivos apresentam os prefixos relacionais que assinalam o Caso absolutivo do sujeito (So).

Nos argumentos, a partícula [.ke] pode figurar enclítica aos D/NPs sujeito de verbo descritivo e intransitivo-inacusativo (So) e ao D/NP objeto (O) de verbo transitivo. Então, segundo Duarte e Garcia (2006), nesse contexto, há uma cisão no sistema de codificação do Caso dos argumentos nucleares: A, Sa, So e O. Ocorre, assim, um interessante alinhamento entre o sujeito do verbo transitivo (A) com o sujeito de verbo intransitivo-inergativo (Sa), por um lado, e entre o sujeito de verbo descritivo e intransitivo-inacusativo (So) com o objeto de verbo transitivo (O), por outro.

Nas próximas seções, iremos analisar a marcação de Caso em orações independentes, para depois buscarmos uma proposta de subclassificação dos verbos na língua Ka'apor.

### Caso nominativo nos núcleos verbais

O Caso nominativo se manifesta por meio dos prefixos nominativos que o verbo pode apresentar. Esses prefixos fazem referência aos argumentos nas posições de sujeito (A) de verbo transitivo e de sujeito (S) de verbo intransitivo. Na tabela a seguir, os pronomes pessoais estão representados com seus respectivos prefixos pessoais/nominativos:

Tabela 1  
Marcadores pessoais:  
pronomes pessoais e prefixos nominativos

Pronomes pessoais	Prefixos pessoais/nominativos
ihē "eu"	a- "eu"
nde "você"	ere- "você"
jande "nós"	ja- "nós"
pehē "vocês"	pe- "vocês"
a'e "ele(s)/ela(s)"	o/u- "ele(s)/ela(s) raízes monossilábicas"
	∅- "ele(s)/ela(s) – raízes com mais de uma sílaba"

A seguir, nas orações de (18) a (21), os verbos tomam os prefixos pessoais de Caso nominativo.

- (18) *ihē nde ke a-kutuk-ta*  
[ihē nε kε a-kutuk-ta]  
eu tu ABS eu-furar-FUT  
"Eu te furarei"  
(Silva, 2001, 40)
- (19) *kase ke jande ja-'u*  
[kase kε janε ja-ʔu]  
café ABS nós nós-beber  
"O café, nós beberemos"  
(Informante: D. Ka'apor)
- (20) *ihē a-je'em a-in*  
[ihē a-jeʔem a-in]  
eu eu-falar eu-estar sentado  
"Eu estou falando sentado"  
(Silva, 2001:12)
- (21) *luz ke ∅-u'e:u'e te'e*  
[luz kε uʔε:uʔε tεʔε]  
luz ABS piscar:piscar mesmo  
"A luz vai realmente apagar"  
(Caldas, 2001:53)

Vejam que os sujeitos (A), *ihē* e *jande*, dos verbos transitivos das orações (18) e (19) e os sujeitos (S), *ihē* e *luz*, dos verbos intransitivos das orações (20) e (21), são codificados nos verbos pela série de prefixos nominativos {a-; ja-, a-, ø-}.

### Caso absoluto nos verbos e nos argumentos (So)

O Caso absoluto se realiza morfológicamente por meio dos prefixos relacionais nos verbos descritivos e pela ocorrência da partícula [.ke] enclítica ao D/NP em posição de sujeito ou objeto. Os prefixos relacionais são divididos em classe I, {ø- ~ i-} e em classe II, {r- ~ h-}. Os prefixos da classe I ocorrem com raízes verbais iniciadas por consoante ou semivogal, e os da classe II acompanham os verbos começados por vogal. Esses prefixos estabelecem a contigüidade ou não-contigüidade do argumento ao núcleo do predicado. Duarte (2006) considera os prefixos relacionais como sendo a manifestação morfológica de Caso.<sup>10</sup> Então, para os verbos descritivos, pode-se postular que os prefixos relacionais marcam o Caso absoluto. Na tabela a seguir, há a descrição dos prefixos relacionais/absolutivos das classes I e II.

Tabela 2  
Prefixos Absolutivos

Classes temáticas	Contigüidade	Não-contigüidade
Classe I	ø-	i-
Classe II	r-	h-

<sup>10</sup> Consoante Duarte (2006, p.115), "no âmbito dos estudos sobre a família lingüística Tupi-Guarani, considera-se que os prefixos relacionais indicam a relação gramatical que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional e verbal) e seu complemento. Uma maneira de captarmos essa importante intuição, no âmbito do quadro teórico da gramática gerativa, é adotarmos a hipótese de que esses prefixos são, na verdade, a manifestação na morfologia da atribuição dos casos absoluto, genitivo e oblíquo, dependendo se o núcleo é um verbo, um nome possuído ou uma posição."

Abaixo, as orações mostram a ocorrência do prefixo absolutivo para codificar o argumento (So) de verbos descritivos:

(22) *ihē* ø-'a ke ø-puku  
[i'hē ʔa 'kε pu'ku]  
eu GEN-cabelo ABS ABS-ser comprido  
"Meu cabelo é comprido"  
(Caldas, 2001:5)

(23) *ihē* ø-po ke i-ky'a  
[i'hē pɔ 'kε ikɨ'ʔa]  
eu GEN-mão ABS ABS-ter sujeira  
"A minha mão está suja"  
(Silva, 2001:7)

(24) *ihē* r-ury 'ym  
[i'hē ru'rɨ 'ʔim]  
eu ABS-ter alegria não  
"Eu não tenho alegria"  
(Silva, 2001:5)

(25) *Ana* ke h-e'õ  
[ 'ana 'kε he'ʔõ]  
Ana ABS ABS-ter cansaço  
"Ana está cansada"  
(Silva, 2001:6)

Nos verbos das orações (22) e (23), nota-se a ocorrência dos prefixos absolutivos da classe I {ø-, i-}, sendo que na oração (22), o prefixo {ø-} assinala a contigüidade do sujeito, enquanto na oração (23), o prefixo {i-} marca a não-contigüidade do sujeito. As orações (24) e (25) apresentam os prefixos absolutivos da classe II {r-, h-}. O prefixo {r-}, em (24), marca a contigüidade do sujeito e o prefixo {h-} estabelece a não-contigüidade deste argumento em relação ao verbo.

Duarte e Garcia (2006) notam que a ocorrência da partícula [.ke] em sujeito (So) e objeto (O) engatilha uma cisão no sistema de Caso. Esta cisão é determinada a partir

da natureza semântica do argumento que é selecionado pelo predicado. Nesse sentido, a análise que desenvolverei aqui, acompanhando os autores, é a de que a partícula [.ke] tem uma dupla função gramatical na língua Ka'apor, a saber: (a) marcar papel temático [+PACIENTE] e (b) realizar o Caso absoluto. Esta proposta está baseada nas propriedades semânticas dos D/NPs marcados e não marcados pela partícula [.ke]. Em geral, o que se verifica é o seguinte:

- i. os D/NPs sujeitos de verbo intransitivo-inergativo (Sa) alinha-se com o sujeito de verbo transitivo (A), pois esses argumentos não recebem a partícula [.ke], quando recebem papel *theta* de agente;
- ii. os D/NPs sujeito de verbo intransitivo-inacusativo e descritivo (So) alinha-se com o objeto de verbo transitivo (O) porque podem receber a partícula [.ke].

As orações de (26) a (29) mostram o contexto descrito em (i):

(26) *nde re-je'eng*  
 ['nɛ reje'ʔeŋ]  
 tu tu-falar  
 "Tu falas"  
 (Silva, 2001, p.12)

(27) *Purutu ø-ahem*  
 [Pu'rutu a'hem]  
 Purutu 3-gritar  
 "Purutu gritou (de alegria)"  
 (Informante: Q. Ka'apor)

(28) *ihē 'ok ke a-mahem i*  
 [i'hē 'ʔok 'kɛ ama'hem 'i]  
 eu casa ABS 3-varrer PERF  
 "Eu varri a casa"  
 (Caldas, 2001, p.24)

(29) *ihē narãj ke a-pirok*  
 [i'hē na'rãj 'kɛ api'rɔk]  
 eu laranja ABS eu-descascar  
 "Eu descasco a laranja"  
 (Silva, 2001, p.38)

Observa-se que os sujeitos (Sa) dos verbos inergativos nas orações (26) e (27), *nde* e *Purutu*, alinham-se com os sujeitos (A) dos verbos transitivos das orações (28) e (29), *ihē*. Nessas orações, os sujeitos não recebem a partícula [.ke].

Considerando o contexto descrito em (ii), as seguintes orações apresentam o alinhamento entre (So) e (O):

(30) *ihē ke ø-pahar*  
 [i'hē kɛ pa'harɪ]  
 eu ABS ABS-ter pressa  
 "Eu tenho pressa"  
 (Silva, 2001, p.7)

(31) *jande ke upa ø-ky'a*  
 [ja'nɛ 'kɛ u'pa kɪ'ʔa]  
 nós ABS todo ABS-estar sujo  
 "Nós estamos todo sujo"  
 (Silva, 2001, p.8)

(32) *ihē ø-jiwa ke u-pen*  
 [i'hē ji'wa 'kɛ u'pen]  
 eu GEN-braço ABS 3-quebrar  
 "O meu braço quebrou"  
 (Silva, 2001, p.19)

(33) *pe ihē ke a-ho a-ju*  
 [pɛ i'hē kɛ a'ho a'dʒu]  
 e eu ABS eu-ir eu-deitar  
 "Eu vou deitar"  
 (Kakumasu, 1988:348)

(34) *pako ke t-amūj r-akehar ø-jyтым*  
 [pa'kɔ kɛ ta'mūj rake'har jɪtɪm]  
 banana ABS G-velho GEN-esposa 3-plantar  
 "A esposa do velho plantou banana"  
 (Informante: P. Ka'apor)

(35) *t-amūj myta ke ø-mujã pyтun*  
 [tamūj mi'ta kɛ mu'jã pi'tun]  
 G-velho escada ABS 3-fazer noite  
 "O velho fez a escada durante a noite"  
 (Informante: I. Ka'apor)

As orações com verbos descritivos, (30) e (31), e com verbos inacusativos, (32) e (33), mostram a partícula [.ke] enclítica aos D/NPs (So), *ihē* e *jande*. Já as orações com verbos transitivos, (34) e (35), contêm o objeto (O), *pako* e *myta*, recebendo a partícula [.ke]. Assim, essas orações expõem o alinhamento entre os argumentos So e O. Deve-se ressaltar ainda que somente o sujeito dos inacusativos (e descritivos) recebem a partícula [.ke].

Outro contexto que traz evidências a favor do alinhamento dos argumentos (So) e (O) refere-se aos verbos ergativos. Na próxima seção, discutimos a estrutura morfológica dos verbos ergativos.

### Caso absolutivo nas orações ergativas

Segundo a definição de Radford (1998), verbos ergativos são aqueles que permitem o deslocamento do objeto para a posição do sujeito. Nas orações de (36) a (37), observa-se os objetos "bola" e "banheira" assumindo posição de sujeito:

- (36a) Rerihu rolou a bola.  
 (36b) A bola rolou.  
 (37a) Rerihu encheu a banheira.  
 (37b) A banheira encheu.

Na língua Ka'apor, pode-se formar um verbo ergativo por meio do acréscimo do prefixo causativo {mu-}.<sup>11</sup> Em geral, este morfema afixa-se a raízes de verbos descritivos, intransitivos (inergativos e inacusativos) e transitivos, resultando em uma mudança na valência dos predicados. Nota-se que este prefixo vem antes da raiz verbal e situa-se depois dos prefixos nominativos, resultando na seguinte ordem interna dos prefixos verbais: {PREF. NOMINATIVO + PREF. CAUSATIVO + VERBO}. As orações abaixo apresentam a ergativização de verbos descritivos, intransitivos e transitivos:

### Descritivo

(38a) *a'e ø-katu te*  
 [a'ʔɛ ka'tu 'tɛ]  
 Ela ABS-ter beleza VER  
 "Ela é muito bonita"  
 (Silva, 2001, p.21)

(39a) *ihē r-ua ø-pinim*  
 [i'hē ru'a pi'nim]  
 eu GEN-rosto ABS-ter pintas  
 "Meu rosto tem pintas"  
 (Silva, 2001, p.22)

### Ergativo

(38b) *ihē a'e ke a-mu-katu*  
 [i'hē a'ʔɛ kɛ amuka'tu]  
 eu ela ABS eu-CAUS-ter beleza  
 "Eu a fiz ficar bonita"  
 (Silva, 2001, p.21)

<sup>11</sup> De acordo com Jensen (1998, p.532), o prefixo causativo {mo-} ~ {mu-} nas línguas da família Tupi-Guarani pode formar: (i) um verbo transitivo a partir de um intransitivo agentivo e não-agentivo; (ii) um verbo intransitivo a partir de um nome e um sufixo: "The prefix mo- is a simple causative. It may create a transitive verb from an agentive (232) or non-agentive (233) intransitive verb, from a noun (234), and, at least in some languages, from certain suffixes (235):

(232) mo-pok: 'cause it to burst' (Guajajara)

(233) mbo-aku: 'cause it to be hot'(Mbyá Guarani)

(234) mu-her: 'give (him) a name' (Ka'apor)

(235) mo-eté: 'honor, make great' (Tembé)

(39b) *a'e h-ua ke ø-mu-pinim*  
 [a'ʔε hu'a kε mupi'nim]  
 ele ABS-rosto ABS 3-CAUS-ter pintas  
 "Ele pintou o rosto"  
 (Silva, 2001, p.23)

**Inacusativo**

(40a) *ihē ø-jiwa ke u-pen*  
 [i'hē ji'wa 'kε u'pen]  
 eu GEN-braço ABS 3-quebrar  
 "O meu braço quebrou"  
 (Silva, 2001, p.19)

(41a) *ihē ø-je'e-ha ke upa ø-kajim o-ho*  
 [i'hē jeʔe'ha 'kε u'pa ka'jim ɔhɔ]  
 Minha POSS-falar-NOML ABS tudo 3-perder-se 3-ir  
 "Minha fala toda vai fugindo"  
 (Silva, 2001, p.18)

**Ergativo**

(40b) *ihē a-mu-pen h-jiwa ke*  
 [i'hē amu'pen hji'wa 'kε]  
 eu EU-CAUS-quebrar GEN-braço ABS  
 "Eu fiz o (meu) braço quebrar"  
 (Silva, 2001, p.18)

(41b) *ihē ø-je'e-ha ke upa a-mu-kajim a-ho*  
 [i'hē jeʔe'há 'kε u'pa amuka'jim a'hɔ]  
 minha GEN-falar-NOML ABS tudo EU-CAUS-perder-se eu-ir  
 "(Eu) faço a minha fala toda fugir"

**Inergativo**

(42a) *jande ja-jengarr ja-in*  
 [ja'nε jaje'ɲar ja'in]  
 nós nós-cantar nós-estar  
 "Nós estamos cantando"  
 (Silva, 2001, p.20)

(43a) *pehē pejan mi?*  
 [pe'hē pe'jan 'mi]  
 vós vós-correr PROB  
 "Vós correstes?"  
 (Silva, 2001, p.19)

**Ergativo**

(42b) *ihē a'e ke a-mu-jengar*  
 [i'hē a'ʔε 'kε amuje'ɲar]  
 eu ele ABS EU-CAUS-cantar  
 "Eu o faço cantar"  
 (Silva, 2001, p.20)

(43b) *ihē a'e ke a-mu-jan*  
 [i'hē a'ʔε 'kε amu'jan]  
 eu ele ABS EU-CAUS-correr  
 "Eu o fiz correr"  
 (Silva, 2001, p.19)

**Transitivo**

(44a) *nde re-py'a 'ym ihē r-ehe 'y*  
 ['nε repi'ʔa ʔim i'hē rε'hε ʔi]  
 tu tu-pensar NEG eu CT-POSP PERF.1  
 "Tu não pensaste em mim"  
 (Silva, 2001, p.25)

(45a) *ihē nde r-ehe a-parahɪ*  
 [i'hē 'nε rε'hε aparahɪ]  
 eu tu OBLIQ-COM eu-aborrecer  
 "Eu te aborreço"  
 (Silva, 2001, p.24)

**Ergativo**

(44b) *a'e nde ke ø-mu-py'a ihē r-ehe 'y*  
 [a'ʔε 'nε 'kε mupi'ʔa i'hē rε'hε 'ʔi]  
 ele tu ABS ele-CAUS-pensar OBLIQ-em PERF.1  
 "Ele te fez pensar em você"  
 (Silva, 2001, p.25)

(45b) *ihē a'e ke a-mu-parah̃i*  
 [i'hē a'ʔε 'kε amupara'h̃i]  
 eu ele ABS eu-CAUS-aborrecer  
 "Eu o fiz aborrecer"  
 (Silva, 2001, p.24)

Nas orações acima, percebe-se uma alternância em que os D/NPs sujeitos dos exemplos em (a) é promovido a objeto do verbo ergativo e vem acompanhado da partícula [.ke]. Esta partícula sinaliza, principalmente, mudança do papel temático dos D/NPs sujeitos dos verbos intransitivos-nergativos e transitivos em (42a), (43a), (44a) e (45a), os quais assumem o papel temático [+PACIENTE] em (42b), (43b), (44b) e (45b). Observa-se também que, nas orações com verbos ergativos, o objeto (O) é tratado da mesma forma do sujeito do verbo intransitivo-inacusativo e descritivo (So). Nesses contextos, a partícula [.ke] realiza o Caso absolutivo.

Tomando por base os dados e a análise desenvolvida até aqui, iremos propor, na próxima seção, uma classificação dos verbos do Ka'apor em, pelo menos, cinco subtipos.

### Classificação dos verbos em Ka'apor

Se considerarmos o sistema de Caso por meio da concordância do verbo com os argumentos, percebe-se que os verbos transitivos e intransitivos recebem os prefixos nominativos e os verbos descritivos recebem os prefixos absolutivos, como se vê nas orações a seguir:

#### Transitivo

(46) *ywy r-ehe ne ke a-nupã ta*  
 [ɨwɨ rε'hε 'nε 'kε anu'pã 'ta]  
 terra OBLIQ-em tu ABS eu-bater FUT  
 "(Vou) te bater no chão"  
 (Kakumasu, 1990, p.100)

#### Inacusativo

(47) *pe ø-jyngar-ih̃a ke ø-kanim o-ho*  
 ['pε jɨŋgari'ha 'kε ka'nim ɔ'hɔ]  
 e 3-cantar-NOMI ABS 3-esconder 3-ir  
 "E o canto foi escondendo (sumindo)"  
 (Kakumasu, 1990, p.27)

#### Inergativo

(48) *kururu o-ho a'e tĩ*  
 [kuru'ru ɔ'hɔ a'ʔε 'tĩ]  
 sapo 3-ir ele também  
 "O sapo foi, ele, também"  
 (Kakumasu, 1990, p.27)

#### Descritivo

(49) *Ana ke h-e'õ*  
 ['ana 'kε he'ʔõ]  
 Ana ABS ABS-ter cansaço  
 "Ana tem/sente cansaço".  
 (Silva, 2001, p.6)

Com base nos dados apurados até aqui, nota-se que a distinção entre transitivos/intransitivos, por um lado, e descritivos, por outro, se dá porque apenas os primeiros recebem os prefixos nominativos, enquanto os descritivos recebem os prefixos absolutivos para fazer referência ao sujeito (So).

Adicionalmente, observa-se que os verbos ergativos, que podem ser derivados de transitivos, intransitivos e descritivos, também recebem o prefixo nominativo, conforme mostra a oração a seguir:

(50) *ihē a'e ke a-mu-wa:wak*  
 [i'hē a'ʔε 'kε amuwa'wak]  
 eu ele ABS eu-CAUS-rodar:rodar  
 Eu o fiz rodar  
 (Silva, 2001, p.19)

Por outro lado, a marcação de Caso pela partícula [ke], nos permite subdividir os verbos intransitivos em inergativos e inacusativos. Quando o verbo for inergativo, o argumento nuclear não recebe a partícula [ke], ao contrário do verbo inacusativo que terá seu argumento nuclear marcado pela partícula [ke], sinalizando assim o papel temático [+paciente] e o Caso absolutivo, como se verificam nas orações abaixo:

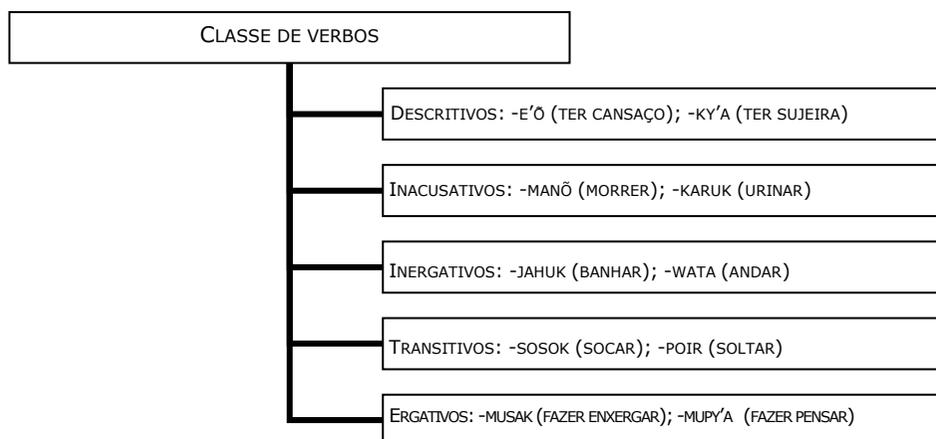
### **Inergativo**

(51) *ihē a-pu'am a'am*  
 [i'hē apu'ʔam a'ʔam]  
 eu eu-levantar eu-estar em pé  
 "Eu estou em pé"  
 (Caldas, 2001, p.49)

### **Inacusativo**

(52) *ne ke ere-pyrara te*  
 ['nɛ 'kɛ ɛrɛpɪra'ra 'tɛ]  
 tu ABS tu-sofrer VER  
 "Você sofreu muito"  
 (Kakumasu, 1990, p.99)

Com base nas características morfossintáticas e semânticas apontadas, podemos, então, propor a existência de cinco tipos de verbos na língua Ka'apor, conforme se vê no organograma a seguir:



Organograma 1 – Classes verbais em Ka'apor

## **Considerações finais**

Os dados analisados das orações independentes em Ka'apor permitem-nos inferir que a língua aciona um sistema cindido de marcação de Caso aos argumentos (A), (Sa), (So) e (O). Esta cisão é determinada, em parte, porque os prefixos absolutivos ocorrem no verbo descritivo e os prefixos nominativos figuram nos verbos transitivos, inergativos e inacusativos. Por outro lado, a cisão é determinada em função de que D/NPs sujeitos de verbos descritivos e inacusativos (So) recebem a partícula [kɛ].

Também verificamos que verbos ergativos são formados pelo acréscimo do prefixo causativo {mu-} a raízes verbais descritivas, intransitivas e transitivas, e se caracterizam pelo aumento da valência de predicados monoargumentais.

Por último, propusemos uma classificação dos verbos que abranja cinco tipos de verbos, a saber: os descritivos; os inacusativos; os inergativos; os transitivos não ergativos e os transitivos ergativos. Com essa proposta, captamos as nuances sintáticas e semânticas envolvidas nos vários tipos de predicados. Nos inacusativos, temos um sujeito-paciente; nos inergativos, um sujeito-agente; e, nos ergativos, os sujeitos dos verbos descritivos, intransitivos e transitivos assumem a posição argumental de objeto (O) e tem seu papel temático alterado.

## **Referências**

ADGER, David. *Core syntax*. Oxford: University Press, 2004.

BOBALJIK, Jonathan David. Ergativity and ergative unergatives. In: PHILLIPS, C.; BOBALJIK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL # 19, 1993.

CALDAS, Raimunda Benedita. *Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor*. 2001. 86f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFPA, Belém.

CALDAS, Raimunda Benedita; SILVA, Tabita Fernandes. Verbos de atividades mentais em Ka'apor e outras línguas da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 352-357. t. I.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1981.

CORRÊA DA SILVA, Beatriz. *Urubú-Ka'apor, da gramática à história: a trajetória de um povo*. 1997. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UnB, Brasília.

CORRÊA DA SILVA, Beatriz. Codificação dos argumentos em Ka'apor. In: CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 343-351. t. I.

DIXON, R. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.

DIXON, R. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Análise gramatical das orações da língua tembé*. Brasília: UnB, 1997. 95p.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehará. *Liames 4*, Campinas, p. 113-145, 2006.

DUARTE, Fábio Bonfim; GARCIA, Mário Alexandre. *Atribuição de caso, papel temático e causativização na língua ka'apor*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Manuscrito.

DUARTE, Fábio Bonfim; GARCIA, Mário Alexandre. *Caso e concordância em tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Manuscrito.

JENSEN, Cheryl. Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages. In: PAYNE, Doris. *Amazonian linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 117-158.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey K. *Handbook of Amazonian languages*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998. p. 490-618. v. 4.

KAKUMASU, James. *Dicionário Urubu-Ka'apor-Português*. Brasília: SIL, 1988.

KAKUMASU, James. Urubu-Ka'apor. In: DERBYSHIRE, Desmond; PULLUM, Geoffrey K. (Org.). *Handbook of Amazonian languages*. New York: Mouton de Gruyter, 1986. p. 326-403. v. 1.

KAKUMASU, James; KAKUMASU, Kiyoto. *Outros textos urubu-kaapor*. Brasília: SIL, 1990. 228 p. Arquivo lingüístico do Museu Nacional.

LEVIN, B.; HOVAV, M. Rappaport. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Diários índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suelly; RODRIGUES, Aryon (Org.). *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém: UFPA, 2002. p. 327-337.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: UNICAMP, 2000.

SEKI, Lucy. Aspectos da morfossintaxe Krenak: orações independentes. *Liames*, Campinas, v. 4, p. 131-148, 2004.

SILVA, Tabita Fernandes. *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka'apor*. 2001. 79f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFPA, Belém.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. London: Sage, 1997.

## **Anexo**

### ***Abreviaturas***

abs – caso absolutivo; ac – acusativo; caus – morfema causativo; erg – caso ergativo; fut – futuro; Gen – caso genitive; ints – intensive; Nomi – caso nominative; np – sintagma nominal; ver – verdadeiro/genuíno

### ***Ortografia usada***

Considerando o padrão fonêmico dos sons da língua Ka'apor, adotamos a seguinte ortografia cujo objetivo principal é facilitar a leitura dos dados usados em nossa análise. Os grafemas são:

(i) consoantes: p, t, k, kw, ', m, n, ng, ngw, s, x, h, r, w, j

(ii) vogais: (a) orais: i, y, e, a, o, u; (b) nasais: ɪ̃, ỹ, ê, ã, õ, ũ

Os grafemas kw, ng, ngw, x, y, ' correspondem respectivamente aos seguintes fonemas: kw – oclusiva velar não-vozeada labial /kw/; ng – nasal velar vozeada /ŋ/; ngw – nasal velar labial vozeada /ŋw/; x – fricativa alveo-palatal /ç/; y – vogal oral alta central oral /i̥/; ỹ - vogal nasal alta central /ĩ̃/ e o diacrítico ' – oclusiva glotal não-vozeada /ʔ/.

**Verbos  
transitivos,  
inergativos e  
inacusativos em  
maxakalí**

C  
a  
r  
l  
o  
  
S  
a  
n  
d  
r  
o  
  
d  
e  
  
O  
l  
i  
v  
e  
i  
r  
a  
  
C  
a  
m  
p  
o  
s  
▪

▪ Universidade Federal de Minas  
Gerais  
Doutorando/Poslin

as propriedades gramaticais dos verbos transitivos, inergativos e inacusativos da língua maxakalí.<sup>1</sup> Para tanto, farei uso da tipologia proposta por Dixon (1979, 1994), da Hipótese Inacusativa [cf. Perlmutter (1978); Burzio (1986)] e dos pressupostos da Sintaxe Gerativa [cf. Chomsky (1970, 1981); Fukui, Speas (1986)]. No âmbito da literatura gerativa, considera-

<sup>1</sup> O Maxakalí é uma língua indígena brasileira pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família homônima Maxakalí, à qual também pertenciam as línguas Pataxó, Kapoxó, Monoxó, Makoní e Malalí. O Maxakalí é a única língua ainda viva dessa família e é atualmente falado por cerca de 1000 índios no estado de Minas Gerais. A maior parte da sua população se encontra alojada no nordeste mineiro, no vale do Mucuri, entre os municípios de Santa Helena e Bertópolis. A outra parte, cerca de 150 índios, devido a um conflito recente entre eles (2005), está temporariamente instalada, em seu maior número, em uma fazenda próxima a Governador Valadares e apenas algumas famílias permanecem em Resplendor, junto aos índios krenak.

argumentos nucleares. As representações abaixo ilustram as estruturas sintáticas dos três tipos de verbos:

- a) transitivos
- b) inergativos
- c) inacusativos

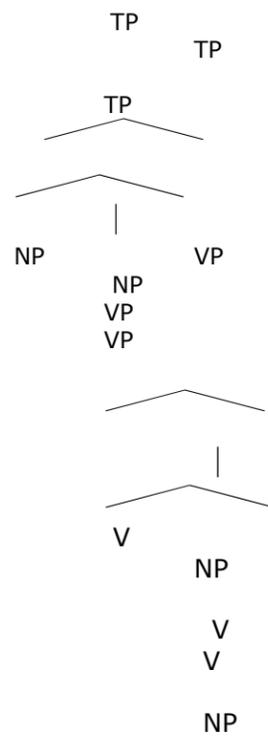


Figura 1 – Estruturas sintáticas dos verbos transitivos, inergativos e inacusativos

seguinte forma: na seção 2, tratarei da noção de ergatividade e ergatividade cindida, tomando por base a tipologia de Dixon (1997, 1994); na seção 3, discuto os verbos transitivos; na seção 4, discuto os verbos inacusativos; na seção 5, trato dos verbos inergativos e abordo a cisão no sistema de marcação de Caso em Maxakalí; e, por fim, na seção 6, apresento as considerações finais. Na próxima seção, retomo a noção de ergatividade e de ergatividade cindida.

### **Ergatividade**

Segundo Dixon (1979), as línguas dividem-se em, pelo menos, dois grandes grupos no que se refere à marcação de caso: línguas de configuração

denominado (O )  
(objeto) e o  
argumento  
correspondente ao  
sujeito de verbos  
intransitivos é  
denominado de (S)  
(sujeito). Desse  
modo, em sistemas  
nominativos,  
sujeitos transitivos  
(A) e intransitivos  
(S) são codificados  
da mesma maneira,  
ao passo que o DP  
objeto (O) recebe  
marcação distinta.  
Em sistemas  
ergativos-  
absolutivos, ocorre o  
contrário, visto que  
os objetos (O) e os  
sujeitos de verbos  
intransitivos (S)  
recebem o mesmo  
tipo de codificação  
gramatical, oposta  
às que recebem os  
DPs na função  
sintática de sujeitos  
transitivos (A). Os  
esquemas a seguir  
exemplificam os dois  
tipos de  
alinhamento na  
codificação dos

ergativo-absolutivo se torna em algum momento mista. A língua Maxakalí foi tratada por Pereira (1992) como uma língua ergativa pelo fato de, nessa língua, o sujeito (A) de verbos transitivos ter forma diferenciada do sujeito (S) de verbos intransitivos e do objeto (O). Antes de apresentar a análise de que o Maxakalí possui posição no sistema de codificação dos argumentos nucleares, faz-se necessário apresentar uma breve análise das subclasses verbais existentes na língua. Começarei, então, pelos verbos transitivos; em seguida, tratarei dos verbos inacusativos e, por último, dos inergativos.

ãmãxux  
 puk  
 ãpak<sup>4</sup>  
 anta  
 assobio  
 ouvir  
 ãmã't[uj  
 puk'  
 ?ãh'pak']  
 "os Maxakalí  
 ouviram o canto da  
 anta"

(2) kakxop te

kuxxamuk  
 paha  
 menino  
 part. erg.  
 lambari  
 pegar  
 [kak't[oxp' tɛ  
 kijt]a'bwk'  
 pa'ha?]  
 "o menino  
 pegou lambari"

(3) õnyãm  
 te  
 mĩmxux  
 mãhã

<sup>4</sup> Os exemplos empregados neste artigo serão fornecidos sempre em quatro linhas. Na primeira linha, encontra-se a sentença em ortografia Maxakalí; na segunda linha, a glossa; na terceira, a transcrição fonética e na quarta a tradução literal.

ko'hok'  
 tʃowk']  
 "é o homem  
 que está plantando  
 mandioca"

(6) hãmgãy  
 tex  
 nĩnãhã  
 onça  
 + part.  
 erg+eu  
 perseguiu  
 [hãxm'gãj  
 'tej

nĩnã'ha?]  
 "a onça me  
 perseguiu"

Nas seis sentenças acima, os DPs (A) na posição de sujeito transitivo recebem a partícula ergativa {-te}. Se tais DPs fossem intransitivos ou estivessem em posição de objeto, eles não receberiam essa marca. Acompanhando a análise de Pereira (1992), explicito na tabela a seguir as formas gramaticais

<b>o (A)</b>
ũunte
ropte
ãmte
rukte
exte
gãyte

### **Verbos inacusativos**

A diferença entre verbos inacusativos e inergativos consiste na natureza semântica que eles denotam e no tipo de papéis temáticos que eles atribuem ao seu único argumento nuclear. Verbos inacusativos atribuem a seu único argumento o papel temático de tema/afetado/paciente. Em Maxakalí, identificam-se verbos inacusativos pelo fato de poderem coocorrer com a partícula reflexiva *yã*,<sup>5</sup> ou, quando não coocorrerem com tal

<sup>5</sup> O que me leva a chamar tal partícula de reflexiva é o fato de ela ter uma ligação anafórica com o sujeito e de ocorrer em sentenças transitivas reflexivas, como no exemplo abaixo:

Tu	te
yã	yiyã
Ele	part. erg.
part. reflex.	cortar
[tuh	te
nã]	nĩnã]

"ele se cortou"

unha  
reflex.  
quebrar  
[úŋĩɾmˈtʃaj  
ŋãj  
tʃaʔaʔ  
“a unha  
quebrou”

(8) ũhũn  
yãy nuhuk  
mulher  
flex. tremer  
[ũ'hũznˈ  
ŋãj  
du'hukˈ]  
“a mulher está  
tremendo”

(9) kutok  
yãy  
koxak  
criança  
reflex.  
acordou  
[ku'towkˈ  
ŋãj  
ku'tʃakˈ]  
“a criança  
acordou/despertou”

(10) tihix  
yãy  
xaxogãhã  
homem  
reflex.  
perder

[mīm<sup>1</sup>duyət<sup>1</sup>  
 nāj  
 tʃõxn<sup>1</sup>]  
 "a flor abriu"  
 (14) mīmmāg  
 yāy  
 xaxit  
 galho  
 reflex.  
 rachar  
 [mīm<sup>1</sup>māg<sup>1</sup>  
 nāj  
 tʃa<sup>1</sup>tʃi<sup>1</sup>t<sup>1</sup>]  
 "o galho  
 rachou"

**Verbos inacusativos**  
**Tipo II**

(15) ūyāyā  
 ūxok  
 vovô  
 morreu  
 [ūnā<sup>1</sup>nā<sup>1</sup>?  
 ū<sup>1</sup>tʃok<sup>1</sup>]  
 "o vovô  
 morreu"

(16) xapup  
 ūtop  
 porco  
 engordar  
 [tʃa<sup>1</sup>puxp<sup>1</sup>  
 ū<sup>1</sup>tox<sup>1</sup>p<sup>1</sup>]  
 "o porco  
 engordou"

(17) kutut  
 ūpakut

[təɲwɨ'bak'  
wɨ'hōg']  
"o dinheiro  
acabou"

(22) ämmuk  
ũxuxi  
comida  
esfriar  
[äɣm'bu:k'  
wɨtʃihtʃi?]  
"a comida  
esfriou"

Os exemplos de (7) a (14) e os de (15) a (22) evidenciam, respectivamente, que a partícula reflexiva *yã* e o prefixo flexional de pessoa {-ũ} constituem-se importantes diagnósticos para identificar quando um determinado verbo monoargumental é inacusativo ou não em Maxakalí. Se essa hipótese se confirmar de fato, a minha expectativa é de que as formas *yã* e {-ũ} não

madeira  
reflex.  
lascar  
[mí'hĩx̣ṃ'  
nãj̣'  
post']  
"a madeira  
lascou"

(22b) Oração  
transitiva:

*mĩkaxxeka*  
*te*  
*pot*  
*mĩhĩm*  
facão  
*part. erg.*  
lascar  
madeira  
[mĩkajtʃeç̣'ka  
te  
post'  
mí'hĩx̣ṃ']  
"o facão lascou  
a madeira"

(23a) Oração  
intransitiva:

*kokex*  
*yã*  
*koa*  
cão  
*reflex.*  
soltar  
[ku'kɛj  
nãj̣'  
ku'a]  
"o cão soltou-  
se"

(23b) Oração  
transitiva:

ele *part.*  
*erg.* porta  
abrir  
[tuh 'tɛ

hãxm'ɲĩkuj  
tjõzn']  
"ele abriu a  
porta"

Nos pares de exemplos acima, vê-se que, nas sentenças intransitivas, o DP<sub>sujeito</sub> tem papel temático [+paciente, +afetado]. É isso o que explica a ocorrência da partícula reflexiva *yãy*, cuja função principal parece ser a de codificar o apagamento do DP agente do contexto discursivo. Já nas sentenças transitivas, como o DP<sub>sujeito</sub> agentivo está realizado, a partícula *yãy* não pode ocorrer.

Verbos inacusativos do tipo II são também

[tɨjç<sup>h</sup>ʔtɛ  
tanã'hã?

tɛɣp<sup>h</sup>ʔtaʔ]  
"o homem  
amadureceu a  
banana"

(26a) Oração  
intransitiva:

*xapup*  
*ũkupnak*  
porco  
*pref.* +  
emagrecer  
[tʃa<sup>h</sup>pɯɣp<sup>h</sup>  
ũkɯɣp<sup>h</sup>dak<sup>h</sup>]  
"o porco  
emagreceu"

(26b) Oração  
transitiva:

*tu te*  
*xapup*  
  
*kupnagãhã*  
ele part.  
erg porco  
emagrecer +  
*sufixo*  
[tɯh ʔtɛ?

tʃapɯɣp<sup>h</sup>  
kɯɣp<sup>h</sup>dagã'hã  
?]  
"ele  
emagreceu o porco"

(27a) Oração  
intransitiva:

*yip*  
*ũkumuk*

mais ocorre, fato que sugere que esse prefixo somente aparece quando o predicado contém um verbo inacusativo. Os dados empíricos reforçam, assim, a minha hipótese de que a distribuição morfossintática do prefixo {-ũ} e da partícula reflexiva *yã* constitui importante diagnóstico para se determinar quando um determinado verbo monoargumental é inacusativo na língua Maxakalí. Digno de nota é o fato de o prefixo {-ũ} e a partícula reflexiva *yã* ocorrerem apenas quando o verbo possui a estrutura inacusativa e seleciona apenas um  $DP_{\text{paciente/afetado}}$ .

Na Tabela 2 apresento as diferenças

yã y ko yõ y (q ue br ar - se )	k o y õ y ( q u e br ar )	ût a (a m ad ur ec er )	ta n <b>ã</b> <b>h</b> <b>ã</b> (a m a d u re c er )
yã y nu hu k (tr e m er )	n u h u k (t re m er )	ût op (e ng or da r)	to p m <b>ã</b> <b>h</b> <b>ã</b> (e n g or d ar )

Note-se, na Tabela 2, que apenas os verbos do tipo II, quando em construções transitivas, recebem sufixo causativo (em negrito, na segunda coluna à direita). Na próxima seção, investigo em detalhe as propriedades gramaticais dos verbos inergativos.

(29) paxap  
 te  
 nut  
 pato  
 part. erg.  
 desliza  
 [pa:tʃaxpʰ  
 ˈtɛ  
 ˈdɯyɛʒtʰ]  
 "o pato desliza  
 (na água)"

(30) kakxop  
 te  
 tatxok  
 menino  
 part. erg.  
 banhar  
 [kakʰtʃoxpʰ  
 ˈtɛ  
 ta:tʃowkʰ]  
 "o menino  
 banha"

(31) tu te  
 yêy  
 ele part.  
 erg. calar-se  
 [tuh ˈtɛˈ  
 nɛj]  
 "ele se calou"

(32) ũn  
 te  
 kutex  
 mulher  
 part. erg.  
 cantar

- ] de verbos transitivos e inergativos;
- ii. realizar o Caso ergativo ao argumento externo de transitivos e inergativos.

Assim, a realização do Caso ergativo por meio da partícula {-te}, em sujeitos de verbos intransitivos e transitivos, sugere que o Maxakalí exiba uma cisão no sistema de codificação dos argumentos nucleares. Nesse sistema, (A) e (Sa) recebem a partícula ergativa {-te}, enquanto (O) e (S) não recebem qualquer marcação casual. O esquema a seguir ilustra a cisão na codificação dos argumentos:

Sistema cindido de codificação dos argumentos na língua Maxakalí
--

### **Considerações finais**

Neste artigo procurei explicitar as principais diferenças entre verbos transitivos, inacusativos e inergativos em Maxakalí. Sujeitos (A) de verbos transitivos e (Sa) de verbos inergativos recebem a marca ergativa {-te};<sup>7</sup> verbos inacusativos dividem-se em dois grupos, a saber: os que coocorrem com a forma *yã* e os que recebem o prefixo de pessoa {-ũ-}.

<sup>7</sup> A classificação verbal empregada neste artigo foi feita exclusivamente sob critérios morfossintáticos. Sob tais critérios, as fronteiras entre as três classes de verbos mostraram-se nitidamente delineadas. Cançado e Ciriaco (2005) apresentam dados do português que evidenciam que a classificação de verbos em inacusativos e inergativos não é categórica, mas antes prototípica ou não-prototípica. Cançado e Ciriaco empregam na classificação critérios semânticos, os quais não pude adotar pelas limitações de um falante não-nativo do Maxakalí.

## Referências

ALMEIRA, Marco Antônio Bomfoco. *Ergatividade em Kaingang: um estudo descritivo funcional*. 2004. Tese (Doutorado). PUCRS, Porto Alegre.

ARAÚJO, Gabriel. Ergativity and ergative unergatives. In: PHILLIPS, C.; BOBALJK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL# 19, 1993.

ARAÚJO, Gabriel. *Fonologia e morfologia da língua Maxakalí*. 2000. Dissertação (Mestrado). UNICAMP, Campinas.

BURZIO, Luigi. *Italian syntax: a government-binding approach*. Dordrecht, [s.n.], 1986

CANÇADO, Márcia. Os psico-verbos do português brasileiro e a hipótese inacusativa de b&r: indícios para uma proposta semântica. *Delta*, 13:1, p. 119-139, 1997.

CANÇADO, Márcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Delta*, 21:1, 2005.

CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

CANÇADO, Márcia;  
CIRÍACO, Larissa.  
Inacusatividade e

Linguistics, 8, p. 128-172, 1986.

LAKA, Itziar. Unergatives that assign ergative, unaccusatives that assign accusative. In: PHILLIPS, C.; BOBALIJK, J. D. (Ed.). *Papers on case and agreement II*. MITPWL# 19, 1993.

PEREIRA, Deuscreide Gonçalves. *Alguns aspectos gramaticais da língua Maxakalí*. 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFMG, Belo Horizonte.

PERLMUTTER, David M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 4., 1978. *Proceedings...*

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

which the (A) and (Sa) arguments are marked on the verb by the nominative prefixes, while the (O) and (So) arguments are referred on the verb by the absolutive (relational) prefixes. This split is, partially, determined by the semantic properties of the descriptive verbs and whether the object carries the person features [+ego, +tu] or not. Additionally, we show the different ways that structural Case can be realized among the languages.

### **Introdução**

Este texto tem como propósito discutir a manifestação do sistema de Caso e concordância na língua Tenetehára, em orações com verbos transitivos, inergativos e

### **Definição da categoria de Caso**

Na perspectiva da lingüística descritiva (cf. Lyons, 1969, p.289), a palavra Caso, do latim *casus*, designa "acidente, desvio, ato de cair, etc" e, em geral, designa a variação morfológica na forma básica de um lexema para indicar sua função sintática na oração. Já na perspectiva da gramática gerativa, podemos considerar que a categoria de Caso não é uma propriedade privativa das línguas que a exibem somente na morfologia, como é a situação do latim, do grego, do alemão, do russo, dentre outras línguas. Nessa linha de investigação, Chomsky (1980) incorpora a noção tradicional de Caso à teoria gerativa e

decorrer de minha exposição, a seguinte definição de Caso elaborada por Adger (2002, p. 211): “[...] the function of case features is to regulate the syntactic distribution of nominal phrases, rather than to mark any special semantic properties”.

Segundo Adger (2002), tal distribuição explica, por exemplo, a razão pela qual os exemplos a seguir são agramaticais no inglês, visto que o pronome *me*, em (1b), o pronome *she*, em (2b), e o pronome *he*, em (3b), figuram em posições sintáticas incompatíveis com os traços de Caso que carregam.

(1a) I give it to him.

(1b) \*Me give it to him.

(4b) I wished  
that **he** had come.

(5a) I wanted  
**João** to have come.

(5b) I wanted  
**him** to have come.

Vejam que as propriedades denotacionais [+3<sup>a</sup> PESSOA; +ANIMADO; +HUMANO] do pronome mantêm-se inalteradas nos exemplos (4b) e (5b), muito embora sua flexão se modifique, dependendo do ambiente sintático em que figura: a forma nominativa *he* ocorre em contexto de oração finita; e a forma acusativa *him* aparece em contexto de oração infinitiva. Na próxima seção, discuto algumas das maneiras como se dá a realização/atribuição de Caso estrutural entre as línguas.

Por essa razão, mudança na ordem dos dois DPs alterará o significado da oração, visto que, numa sentença transitiva com dois DPs plenos, o primeiro será interpretado como sujeito e o segundo, como objeto direto. Esta é a situação do exemplo em (6b) abaixo:

(6b) aose ameko  
so-a-t  
man jaguar  
see-theme-past  
"The man saw  
the jaguar"

Notem que, nos exemplos acima, o objeto e o verbo, além de constituírem um v-VP com a ordem [OV] rígida, não recebem qualquer afixo para marcar o Caso estrutural. Este fato nos permite considerar que Caso estrutural na língua Mekéns é determinado pela

nucleares. Esta é a situação na língua turca, conforme mostram os dados a seguir.

(7a) Ben bu  
makale-yi  
yarin  
bitir-eceğ-im  
I this  
article-ACC  
tomorrow  
finish-FUT-1s  
"I shall finish  
this article  
tomorrow"

(7b) Hasan  
çocuğ-a elma-  
yi ver-di  
Hasan  
child-DAT apple-  
ACC give-PST  
"Hasan gave  
the apple to the  
child"

(7c) Kitap-lar  
masa-dan  
yer-e  
duş-tü  
book-P  
table-ABL  
floor-DAT  
fall-PST

he "me" ao verbo transitivo.

(8) ihe<sub>i</sub> a<sub>i</sub>-ro-  
rà m Purutu  
eu eu-  
matar-FUT  
Purutu.  
"Eu esperarei  
Purutu"

(9) Purutu  
he<sub>i</sub> r<sub>i</sub>-aro-  
rà m  
Purutu  
me ABS-  
esperar-FUT  
"Purutu me  
esperará"

### **Tipos de alinhamento**

Consoante Dixon (1979), os sistemas de Caso e concordância podem refletir vários tipos de alinhamentos. As línguas consideradas nominativo-acusativas alinham o sujeito do verbo transitivo (A) da mesma maneira que o sujeito (S) do verbo intransitivo. Já as línguas



Figura 1 – Sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo

Além dos alinhamentos acima, há ainda um terceiro tipo, bastante relatado na literatura tipológica, e muito recorrente nas línguas da Família Lingüística Tupí-Guaraní, chamado *split-ergativity*, conforme Dixon (1979). Nesse sistema, o sujeito (A) do verbo transitivo é tratado da mesma maneira que o sujeito (Sa) do verbo inergativo<sup>1</sup>-

<sup>1</sup> Conforme Dixon (1979, p.80), "with some verbs, the referent of the S NP will almost always be controlling 'agent', e.g. 'run'.

Figura 2 – Sistema cindido

Veremos, na próxima seção, que o sistema cindido, ocorrente na língua Tenetehára, é condicionado pela natureza pronominal dos DPs e pela natureza semântica dos predicados intransitivos. Antes de mostrar esse sistema, tecemos na próxima seção considerações sobre as propriedades morfossintáticas dos pronomes pessoais, dos prefixos nominativos e dos prefixos absolutivos.

**Realizadores dos Casos nominativo e absoluto em Tenetehára**

Conforme já enunciamos acima, a realização de Caso estrutural em Tenetehára dá-se por meio da

a'e	ê"	o-)
	"e	"ele
	le	(a)"
	(a	uru-
	)"	"nós
ure	"n	exclusivo"
	ós <sub>exclusivo</sub> "	xí- ~ za-
zane	"n	"nós <sub>inclusivo</sub> "
	pe	pe-
	"n	"voc
	ós <sub>inclusivo</sub> "	ês"
pe	"v	
ocês"		

Tabela 2  
Prefixos absolutivos

	Tema em consoante	Tema em vogal
Adjacência do complemento	ø-	r-
Não-adjacência do complemento	i-	h-

alinha com o sujeito (So) de verbos descritivos.

**Quando o DP sujeito corresponde a um DP pronominal [+pessoa, +1 ou +2]**

Nos contextos em que o DP sujeito vem manifesto por meio de pronomes de primeira ou segunda pessoa, o sujeito (A) do verbo transitivo é co-referenciado no verbo pela mesma série de prefixos nominativos que codificam o sujeito (Sa) do verbo inergativo. Para tanto, comparem-se os dados (13) e (14), em que figuram os verbos transitivos *-zuka* "matar" e *-exak* "ver", com os dados com o verbo inergativo *-wata* "caminhar", em (15).

"nós<sub>exclusivo</sub>  
 vimos (algo)"  
 zane **xi-**  
 exak  
 "nós<sub>inclusivo</sub>  
 vimos (algo)"  
 pe **pe-**  
 xak "vós  
 vistas (algo)"

Verbo "caminhar" -wata  
(15)

ihe **a-**  
 wata  
 "eu caminhei"  
 ne **re-**  
 wata "tu  
 caminaste"  
 a'e **u-**  
 wata "ele  
 caminhou"  
 ure **uru-**  
 wata  
 "nós<sub>exclusivo</sub>  
 caminhamos"  
 zane **za-**  
 wata  
 "nós<sub>inclusivo</sub>  
 caminhamos"  
 pe **pe-**  
 wata "vós  
 caminastes"  
 a'e **u-**  
 wata wà  
 "eles  
 caminharam"

Pelos

exemplos acima,  
 nota-se que o  
 sujeito (A) é referido  
 no verbo transitivo  
 da mesma maneira  
 que o sujeito (Sa)

são os mesmos prefixos que também ocorrem nos verbos estativos *-katu* "ser bom" e *-urywete* "estar alegre", para indicar a adjacência do sujeito com o papel temático de tema-afetado ao núcleo do predicado. Para verificarmos o funcionamento desse sistema, comparem-se os dados (16) e (17), por um lado, com os dados (18) e (19), por outro.

Verbo "matar" *-zuka*

(16)

ihe  $\emptyset$ -zuka  
 "(algo)  
 me matou"  
 ne  $\emptyset$ -zuka  
 "(algo)  
 te matou"  
 ure  $\emptyset$ -zuka  
 "(algo)  
 nos<sub>exclusivo</sub>  
 matou"  
 zane  $\emptyset$ -zuka  
 "(algo)  
 nos<sub>inclusivo</sub>  
 matou"

pe r-exak  
“(algo)  
vos viu”

Verbo “estar alegre” –  
urywete

(19)

(i)he r-  
urywete  
“eu estou  
alegre”  
ne r-  
urywete  
“tu estás  
alegre”  
ure r-  
urywete  
“nós<sub>exclusivo</sub>  
estamos  
alegres”  
zane r-  
urywete  
“nós<sub>inclusivo</sub>  
estamos  
alegres”  
pe r-  
urywete  
“vós estais  
alegres”

Com base nos dados de (16) a (19), concluímos que, no sistema de codificação dos argumentos nucleares (O) e (S), usam-se os prefixos { $\emptyset$ - ~ r-}, nos

semântica que há entre inacusativos e inergativos não é codificada inteiramente pelos morfemas realizadores de Caso estrutural na língua Tenetehára. Uma prova disso vem do fato de que os prefixos absolutivos não ocorrem nos verbos inacusativos de processo como o verbo "morrer" e o verbo estativo "estar". Estes verbos, embora envolvam um DP tema afetado, não tomam o prefixo de Caso absolutivo, como era de se supor, caso o seu uso refletisse a distinção inacusativo vs. inergativo no componente gramatical. Na verdade o que

<sup>3</sup> Consoante Boudain (idem), o verbo *iko* "origina-se da pré-raiz *ko*, que implica uma noção de vivência".

madeira  
3-morrer  
"A madeira  
morreu (=secou)"  
(22) *he ø-ko*

*kweteri*  
**u-kay**  
minha POSS-  
roça hoje  
3-queimar  
"Minha roça  
queimou hoje"  
(23) *amàn*  
**u-kyr**  
chuva  
3-chover  
"A chuva  
chove"

(24) *he ø-'aw*  
**u-kuy**  
meu POSS-  
cabelo 3-cair  
"Caem os  
meus cabelos"

**Inacusativos**  
**estativos descritivos**

(25) *he ø-kàn*  
eu ABS-ser  
forte  
"Eu sou  
forte"

(26) *ne ø-kàn*  
tu ABS-ser  
forte  
"Tu és forte"

(27) *i-kàn*

### Referências

BENDOR-SAMUEL, D. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma, 1972.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi moderno*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2v.

CABRAL, A. S. A. Da C. *Flexão relacional na família Tupi-Guaraní*. Belém: UFPA, 2000. Manuscrito.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

COELHO, E. M. B. *Levantamento da situação das áreas indígenas no Maranhão: relatório de pesquisa*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1987.

DINIZ, E. S. *Os Tenetehára-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica*. Belém: Editora Universitária-Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.

Brasília: Editora UnB, 2005. p. 129-140.

HARRISON, C. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G. K. (Ed.). *Handbook of amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439. v. 1.

JENSEN, C. Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.

LEVIN, B.; HOVAV, M. R. *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

RICARDO, C. A. *Povos indígenas no Brasil*. São Paulo: CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), 1985.

RICE, F. J. D. O idioma Tembé (Tupi-Guarany). *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 26, p. 109-180, 1934.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, Curitiba, n. 1, p. 121-152, 1953.

transição. Rio de Janeiro:  
Ministério da Educação e  
Cultura, 1955.

grammatical realizations of the possessive phrases in the Mbyá-Guarani. Our hypothesis is that the distinction between alienability and inalienability can be culturally determined.

Additionally, we propose that the fact that the possession is marked by means of the relational genitive Case prefixes contributes to divide the nouns, at least, into three grammatical subclasses: the alienable nouns; the inalienable nouns whose roots starts with vowel and the inalienable nouns whose roots starts with consonants.

### **Introdução**

O presente trabalho visa problematizar a questão da posse na língua Guarani,

introduzimos as noções essenciais acerca dos aspectos fônicos do Mbyá Guarani; na seção 3, discutimos a natureza dos prefixos marcadores de Caso; na seção 4, abordamos aspectos da posse, discutindo os conceitos de alienável e inalienável; na seção 5, trataremos da questão da classificação dos nomes nesta língua em alienáveis e inalienáveis; e, por fim, na seção 6, apresentamos as considerações finais.

**Mbyá Guarani:  
população e  
território**

O território atualmente ocupado pelos *Mbyá*, *Ñandeva* (Xiripa) e *Kaiowa*, grupos Guarani que se encontram hoje no Brasil, compreende

No Brasil, os índios guarani se encontram espalhados em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Também na região norte do país há famílias Mbyá, originárias de um mesmo grande grupo, que vieram ao Brasil após a Guerra do Paraguai. Atualmente, estas famílias vivem no Pará (município de Jacundá) e em Tocantins, numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região centro-oeste. No litoral brasileiro, suas comunidades são compostas por grupos familiares que, historicamente, procuram formar

seguir temos o quadro fonêmico das consoantes e algumas observações relevantes acerca dos fonemas e seus alofones; posteriormente, o quadro fonêmico das vogais compõe-se de alguns apontamentos acerca das variantes fonéticas e da questão do acento.

so

**Quadro fonêmico das consoantes<sup>2</sup>**

		bilabial	alveolar	álveo-palatal	velar simples	velar arredon.	glotal
	su	p	t		k	kw	ʔ
	so						
	su			tʃ			
	so			dʒ			
	su						h
	so						
	su	m	n	ɲ	ŋ	ŋw	
	so						
	su						
	so		ɾ				
	su						

<sup>2</sup> Os grafemas utilizados estão de acordo com o *Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

segmentos  
pré-  
nasalizados  
, são, por  
consequint  
e, uns e  
outros  
alofones  
dos  
mesmos  
fonemas,  
os quais  
são  
representa  
dos pelos  
seguintes  
segmentos:  
/m/, /n/ e  
/g/. É  
possível  
verificar a  
sua  
ocorrência  
pelos  
exemplos a  
seguir:

- (1) *mandi'o*  
"mandioca"
- (2) *tanimbu*  
"cinza"
- (3) *nhandy*  
"banha"
- (4) *mitã*  
"criança"

	a b er ta			
b a i x a			a	
		não- arrend ondada		arr ed on da da

Com relação às vogais, podemos apontar que:

- 1- Os fonemas [e] e [o] apresentam uma alternância com [ɛ] e [ɔ], respectivamente:

(5a) *kyxe*  
[ki'tʃe] ou [ki'tʃɛ]  
"faca"

(5b) *o-u* [o'u]  
ou [ɔ'u]  
"ele vem"

- 2- Para cada segmento [-nasal] há um correspond

que se estabelece entre o núcleo de um sintagma (nominal, posposicional e verbal) e o seu complemento.

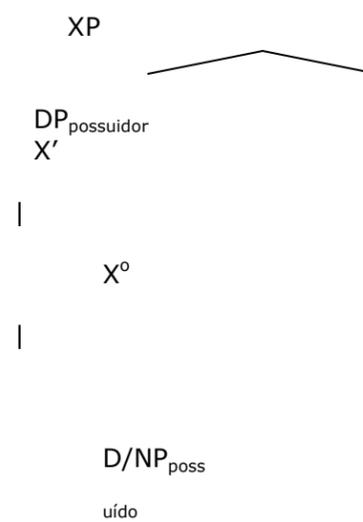
Adotaremos aqui a hipótese sugerida por DUARTE (2005, p.2) “de que esses prefixos são (...) a manifestação na morfologia da atribuição dos Casos absolutivo, genitivo e oblíquo, dependendo se o núcleo é um verbo, um nome possuído ou uma posposição”.

Assim, o prefixo { $\emptyset$  ~ r-} indica no núcleo do sintagma em que figuram a adjacência do complemento, enquanto o prefixo {i- ~ h-} assinala a não-adjacência do complemento. O paradigma completo desses prefixos e de seus alomorfes pode ser observado na tabela a seguir.

**A questão da  
posse: conceitos  
de alienável e  
inalienável**

A *posse alienável* é o direito de propriedade adquirido social e economicamente, enquanto a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida. Todavia, a noção de *inalienabilidade* não é semanticamente uniforme, mas varia de língua para língua; por exemplo, certos objetos considerados inalienáveis em uma cultura podem não ser em outra. Do ponto de vista formal, no entanto, *inalienável* rotula um conjunto de nomes que, em geral, precisam apresentar alguma marca morfosintática de posse obrigatória. Isso quer dizer que as línguas naturais

genitivo. Aqui, é importante ressaltar que as línguas Tupi-Guarani apresentam núcleo final e, portanto, o sintagma possessivo terá a configuração sintática: [POSSUIDOR-POSSUÍDO], conforme indicamos pela representação arbórea abaixo.



O interessante a observar é que o nome possuído apresenta-se como núcleo do sintagma possessivo. A

conforme mostramos a seguir.

**Alienáveis** – não precisam receber marca morfológica de posse. Exemplos: *tapi'i* "anta", *ka'i* "macaco", *gwyra* "pássaro", *parakau* "papagaio", *pa'i* "jacaré", *jagwa* "cachorro", *xivi* "onça".

É possível inferir que os nomes alienáveis nessa língua sejam, em sua grande maioria, nomes que apresentam tema em consoante. Tal hipótese poderia apontar para um critério formal de organização e classificação generalizado dentro da língua, que forneceria uma base a partir da morfologia para identificação de um traço culturalmente construído, que é a

"A onça está bebendo (água)"

(18) *ha'e o-jo.pyy mandí'o*

Ele 3-pegar mandioca

"Ele pega (sustenta) a mandioca"

#### **Inalienáveis**

- recebem prefixos que marcam posse. Ex: -akã "cabeça", -'a "cabelo", -nambi "orelha", -exa "olho", -xĩ "nariz", -kã.gwe "osso", -ugwy "sangue".

Os nomes inalienáveis do Guaraní podem ser divididos, por sua vez, em duas subclasses:

#### **Classe I**

- tema em consoante. Ex: -nambi "orelha", -xĩ "nariz", -juru "boca", kupə "costas", -po "mão", -pire "pele", -py'a "fígado", -poxi'a "peito".

#### **Classe II**

- tema em vogal. Ex.

Ele POSS-  
orelha 3-CAUS-  
perfurar  
"Ele furou a  
orelha (de outro)"

(24) *ij-aju'y*  
*i-puku*  
POSS-pescoço  
ABS-comprido  
"O pescoço  
(dele) é comprido"

(25) *ha'e o-*  
*mbiri i-po*  
Ele 3-  
apertar POSS-  
mão  
"Ele está  
apertando a mão de  
outro"

(30) *ha'e<sub>i</sub> o-*  
*i.karãi gw<sub>i</sub>-etyma*  
Ele 3-ABS-  
coçar REFL-perna  
"Ele está  
coçando a própria  
perna"

(31) *i-kã-gwe*  
*i-po'yi*  
POSS-OSSO-PASS  
ABS-pesado  
"O osso é  
pesado"

"A cabeça é redonda

(34a) *-aju'í*  
"pescoço"

(34b) *ij-aju'í*  
*i-puku*  
pescoço  
ABS-comprido  
"O pescoço é comprido"

É possível inferir que o critério de seleção da consoante epentética relaciona-se com o acento do tema, assim:

[+nasal] =>  
/nh/ [-nasal,  
+oral] => /j /

#### **Considerações finais**

É possível intuir que a classificação dos nomes em Guarani está relacionada ao conceito de inalienabilidade, que prevê um conjunto de nomes que apresentam posse obrigatória. A marcação da posse

*preliminares nas línguas indígenas brasileiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

BARROS, E. B. R. *Construções de posse com clíticos no PB: um percurso diacrônico*. Tese (Doutorado em lingüística). UFMG, Belo Horizonte, 2006.

DUARTE, F. B. *Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DUARTE, F. B. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese (Doutorado em lingüística). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GUEDES, M. *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Dissertação (Mestrado em lingüística). Unicamp, Campinas, 1991.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

#### **Sites**

[http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07\\_7.htm](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_7.htm)

<http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/DICTGRAM/GNDICINT.pdf>

## Duplicação como pluralidade de eventos télicos em juruna<sup>▪</sup>

S  
u  
z  
i  
  
O  
l  
i  
v  
e  
i  
r  
a  
  
d  
e  
  
L  
i  
m  
a  
▪

▪ Este trabalho foi realizado durante o desenvolvimento do projeto de mestrado "As classes de verbos da língua Juruna: aspectos sintáticos e semânticos", financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) sob orientação da Professora Dra. Luciana Storto, a quem agradeço os valiosos comentários, assim como agradeço à professora Dra. Ana Paula Scher, pelas sugestões. Esclareço, contudo, que quaisquer equívocos porventura encontrados nesta análise são de minha total responsabilidade.

▪▪ Universidade de São Paulo  
suzilima@usp.br

between reduplication and telicity; 4) the parallelism between nominal quantification and verbal quantification.

**O fenômeno da duplicação verbal nas línguas Tupí**

As línguas do tronco Tupí apresentam recorrentemente duplicação verbal associada à iteratividade (repetição de processos), tal como foi descrito pelos autores que trabalharam com as línguas deste tronco. A seguir, apresentamos 8 línguas, que fazem parte do tronco Tupí:

Tabela 1  
Línguas Tupí e o

	D
)	Fa a e
)	G m ai
	Pr as
)	M a
)	R p p p
)	M m p a d
	G id it
	S d

---

A literatura de línguas indígenas do tronco Tupí nos mostra que não são todos os verbos de uma dada língua que duplicam, mas apenas um grupo deles. Diante deste fato decidimos observar qual é a característica comum aos verbos que aceitam duplicação em oposição aos que não aceitam. Para discutir esta questão, optamos por observar mais detidamente a língua Juruna, com a qual trabalhamos diretamente.

Este texto está organizado em quatro seções: na seção (2), apresentamos o fenômeno da duplicação verbal na língua Juruna; na seção (3),

para marcar a diferença entre verbos intransitivos e transitivos, assim como para marcar a causativização de um verbo) (Fargetti, 2001; Lima, 2006), 2) supleção (Lima, 2006) e 3) duplicação (Fargetti, 2001; Lima, 2006).

Segundo

Fargetti (2001, p. 178) a duplicação verbal pode estar relacionada a duas funções: 1) plural de argumentos (via infixação (*djidaku* > *djidaidaku*); ou 2) reiteração (por sufixação (*wiyu* > *wiyãwiyã*). Dessa perspectiva, em exemplos como (1b), o verbo duplicado marca pluralidade do sujeito e em (1d) o verbo marca a pluralidade do objeto:

(Fargetti,  
2001)  
*Una e-*  
*djidaku e-be*

1s 2s-  
bater-realis 2s-dat

“Eu bati em  
você”

(1d)  
*djidaidak-u*

(Fargetti,  
2001)

*Una ese-*  
*djidaidaku*  
*ese-be*  
1s 2pl-  
bater(dupl)-realis  
2pl-dat

“Eu bati em  
vocês”

Porém, ao  
testar em Juruna o  
paradigma completo  
dos verbos  
duplicados<sup>4</sup>  
investigando a  
possibilidade de eles

<sup>4</sup> Também hipotetizamos que a supleção dos verbos na língua Juruna esteja relacionada à pluralidade (Lima, 2006). Contudo, não trataremos dos casos de supleção neste artigo, mas tão somente dos de duplicação.

Assim como também há sentenças em que o sujeito e objeto estão no singular e o verbo aparece duplicado, tal como vemos abaixo em (1.h.):

(1g) *Una*  
*yaekua*  
*tese*  
 1s  
 lembrar  
 3pl

“Eu lembrei deles”

(1h) *João djuda*  
  
*yaekuakua*  
 João mãe

lembrar-dupl.  
 “João lembrou da mãe (várias vezes)”

Devido a fatos como esses, começamos a hipotetizar que a duplicação verbal está associada ao

	erbo se uplicaç
	upi

	sem cação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
	aku	a-sa-saku	afixação	<i>Asaku na mayaka be</i> descascar 1s mandioca dat "Eu descasquei (a) mandioca" <i>Asasaku na mayaka be</i> Descascar-dupl. 1s mandioca dat "Eu descasquei (as) mandiocas"
	aku	i-dai-daku	afixação	<i>Iidja-i abeata idaidaku</i> Mulher-pl roupa lavar-dupl. "(As) mulheres lavaram a roupa" <i>Iidja abeata idaidaku</i> Mulher roupa lavar-dupl. "(A) mulher lavou as roupas" <i>Iidja-i abeata idaku</i> Mulher-pl roupa lavar "(As) mulheres lavaram (a) roupa"
	nka	unka-unka	Repetição completa	<i>Iidja dumabi unka</i> Mulher filha enfeitar "(A) mulher enfeitou (a) filha" <i>Iidja de ali unka unka</i> Mulher ? criança enfeitar-dupl "(A) mulher enfeitou (as) crianças"
	rika	pīri-pīri-ka	afixação	<i>Iidja pīrika</i> Mulher pular "(A) mulher pulou" <i>Senahi-i da pīripīrika</i> homem-pl pl pular-redpl "(Os) homens pularam"
	uru	i'u-'u-ru	afixação	<i>Abeata i'uru</i> roupa molhar "(A) roupa molhou" <i>Xirara i'u'uru</i>

	erbo s uplicaç
	e'elu
	ludjak

eciais:  
ira qua

is: mesma forma, duplicada qualquer contexto em que o verbo for usado		
	<i>Lakarikada na</i> rir 1s "Eu ri"	<i>Senahi-i lakarikada</i> Homens-pl rir "(Os) homens riram"
	<i>Azahaha na</i> Gritar 1s "Eu gritei"	<i>Senahi-i azahaha kara</i> Homem-pl gritar passar "(Os) homens gritaram várias vezes (ficaram gritando)" <i>Senahi-i da azahaha</i> Homens-pl pl gritar "(Os) homens gritaram"
	<i>Iidja yaridjaridja</i> mulher mentir "(A) mulher mentiu"	<i>Iidja yaridjaridja kara</i> mulher mentir passar "(A) mulher mentiu várias vezes (ficou mentindo)"
	<i>Ali lakariku</i> criança brigar "(A) criança brigou"	<i>Ali da lakariku</i> criança pl brigar "(As) crianças brigaram"
	<i>Ali etahu</i> criança nadar "(A) criança nadou"	<i>Senahi-i etahu</i> homem-pl nadar "(Os) homens nadaram"
	<i>Uruku na</i> Remar 1s "Eu remei"	<i>Uruku udi</i> Remar 1pl "Nós remamos"
	<i>Ali ena'ena</i> Criança vomitar "Criança está vomitando"	
	<i>Iidja emiānu</i> Mulher vingar-se "(A) mulher se vingou"	<i>Senahi-i da emiānu</i> homem-pl pl vingar "(Os) homens se vingaram"
	<i>Asu na te</i> Soprar 1s 3s "Eu soprei isso"	<i>Senahi-i asu</i> Homem-pl sopraram "(Os) homens sopraram"
	<i>Iidja maetikāu</i> mulher desaparecer "(a) mulher desapareceu"	<i>Iidja-i maetikāu</i> mulher-pl desaparecer "(as) mulheres desaparecerem"
	<i>Kuperi na</i> Trabalhar 1s "Eu trabalhei"	<i>Kuperi da</i> Trabalhar pl "Eles trabalharam"

duplicam são diversos (CV, CVV, CVC); logo, não é isso que os distingue dos verbos que não duplicam. Dados os fatos, discutiremos na seção a seguir qual é o traço que se mostrou relevante para a divisão dos verbos que duplicam ou não nesta língua.

**Uma abordagem semântica: a relevância da telicidade**

Na análise dos verbos de uma língua, é necessário compreender as informações semânticas que estes verbos apresentam em sua estrutura argumental, as quais são importantes para compreender suas restrições sintáticas e morfológicas. Para discutir esta questão, partiremos das discussões de Tenny (1994) e Smith (1997) que

<b>Tipo de aspecto</b>	<b>Características</b>
Estativo	São desenvolvidos ao longo do tempo
Atividade	São desenvolvidos ao longo do tempo
<i>Accomplishment</i>	Tem um término determinado e duração
<i>Achievement</i>	Tem um término determinado e acontece instantaneamente (evento de duração curta ou sem duração).

Em suma, *accomplishments* e *achievements* são delimitados, em oposição a estativo e atividade, que não são delimitados. Nesta perspectiva, falar em eventos que são ou não

em 5 grupos, a  
saber:

Tabela 5  
Aspectos de situação  
(Smith, 1997)

	Traços			Exemplo
	estático	Durativo	----- <sup>7</sup>	saber a resposta; amar a Maria
	dinâmico	durativo	atélico	rir
<i>t</i>	dinâmico	durativo	télico	construir a casa; aprender grego
	dinâmico	instantâneo	atélico	bater na porta
	dinâmico	instantâneo	télico	ganhar a corrida; vencer a prova

<sup>7</sup> Vale ressaltar que nem todos os traços são relevantes para definir os aspectos apresentados. No caso do estático, é irrelevante o traço [+/- télico]. Ou, em outras palavras, o traço [ +/- télico] é irrelevante para situações com a propriedade [+estático] (Smith, 1996, p.20).

(1997) podemos compreender que o aspecto que varia é o de ponto de vista (Tabela 6) e não o de situação (Tabela 5), uma vez que este parece ser restrito na estrutura argumental dos verbos a partir de traços como a telicidade, por exemplo. Uma questão que discutiremos na continuação deste trabalho é se um verbo originalmente télico – em outras palavras, um verbo que exija um ponto inicial e um ponto de culminação – pode ser usado como um verbo atélico. Para tanto, observaremos quais recursos lingüísticos são utilizados para essa mudança, assim como discutiremos a possibilidade de um verbo atélico ser utilizado como télico.

determinação das estruturas sintáticas, como dissemos anteriormente). Partimos dos traços propostos por Smith (1997) e a relação deles com os eventos associados a cada tipo de aspecto de situação:

Tabela 7  
Aspectos de situação e seus traços

	<b>Traços</b>	<b>Evento</b>
	Estático, durativo	-----
	Dinâmico, durativo, atélico	Eventos cumulativos
<i>ent</i>	Dinâmico, durativo, télico	Resulta em novo estado, são finitos.
	Dinâmico, atélico, instantâneo	Evento único, sem resultado.
	Dinâmico, télico, instantâneo	Evento único, rápido.

A partir da comparação dos traços da Tabela 7 e do fato de eles serem binários, é possível reduzi-los a três (Smith 1997; 20):

	<sup>a</sup>	[e

	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	-	+	<i>achievement</i>
	-	-	+	<i>achievement</i>
	-	-	+	<i>achievement</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>
	-	+	+	<i>accomplishment</i>

Vejamos agora a decomposição de traços dos verbos que não duplicam, independentemente do contexto sintático em que o verbo seja usado:

Tabela 10  
Traços dos verbos da língua Juruna que não duplicam

Verbos que não alternam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
rir	-	+	-	atividade
gritar	-	+	-	atividade
mentir	-	+	-	atividade
brigar	-	+	-	atividade

aceitam  
modific  
ação  
morfoló  
gica no  
verbo  
uma  
vez que  
eles são  
sempre  
eventos  
plurais,  
desde a  
origem  
cumulat  
ivos e,  
logo,  
não é  
necessá  
rio que  
eles  
sofram  
mudanç  
a  
morfoló  
gica  
para  
marcar  
este  
fato;<sup>9</sup>  
3) verbos  
*estativo*

<sup>9</sup> Krifka (1998; 207) ao discutir os predicados télicos diz que "predicados cumulativos são tipicamente atélicos" (tradução nossa).

*achievement*) em oposição aos que não duplicam (estativos, de atividade e semelfactivos) é o traço [TELICIDADE]: os verbos [+TÉLICO] duplicam em oposição aos [-TÉLICO] que não duplicam, tal como vemos a seguir:

Tabela 11  
Traços aspectuais e a relação com a duplicação

Situações	Estático	Durativo	Télico	Duplicação/modificação de raiz
Estativo	[+]	[+]	[-]	não
Estativo	[+]	[+]	[-]	não
Atividade	[-]	[+]	[-]	não
Atividade	[-]	[+]	[-]	não
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]	sim
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]	sim
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]	não
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]	não
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]	sim
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]	sim

Vale ressaltar que nossa análise discutirá, no prosseguimento da

(1b) *The weather  
has cooled  
considerably*  
("O tempo  
esfriou  
consideravelme  
nte")

Nesses casos,  
o que observamos é  
que ser télico – que  
é propriedade verbal  
– pode ser  
relativizado de  
acordo com outros  
recursos lingüísticos,  
como advérbios  
(*finalmente,*  
*consideravelmente*)  
ou, em outros casos,  
de acordo com a  
flexão de tempo, por  
exemplo. Contudo,  
isso não altera o  
fato de um verbo  
ser télico ou atélico.  
O fato de podermos  
dizer "Eu ri do início  
ao fim da aula" não  
transforma o verbo  
*rir* em um verbo  
télico, mas  
apresenta um  
contexto em que ele  
pode apresentar  
esta característica.  
Ou seja, é

distinção  
delimitado/não-  
delimitado dos  
eventos denotados  
pelos verbos  
(Tenny,1987, p.  
87).

Nos dados que  
analisamos acima, o  
que percebemos é  
que os verbos –  
assim como os  
nomes –  
apresentam  
restrição de  
contabilidade de  
acordo com as  
características do  
evento que ele  
denota. Enquanto há  
eventos que são  
passíveis de serem  
contabilizados, há  
outros que não são  
passíveis de  
decomposição em  
subeventos e que  
são, aparentemente,  
sempre cumulativos.  
Estes, diferentes  
daqueles, portanto,  
não duplicarão na  
língua Juruna, pois  
não variam em  
relação a número de  
eventos. Ou seja,

discutir o *status* do evento na estrutura argumental dos verbos. Como vimos, o traço que se faz determinante para a divisão de grupos de verbos nessa língua foi o traço [télico], o qual divide os verbos da língua Juruna em relação aos que duplicarão ou não. Em suma, verbos que apresentam culminância, que são delimitados (télicos), são passíveis de duplicação, enquanto os não-delimitados (atélicos) não duplicam em nenhum contexto.

No prosseguimento deste trabalho, faremos divisões no interior dos grupos sintáticos — por exemplo, verbos inergativos do tipo *accomplishment*; *achivement* etc. —

*mind*. [S. l.]: CSLI Publications, 2004.

GALUCIO, A. V. *The morphosyntax of Mekéns (Tupí)*. Tese (Doutorado em lingüística). University of Chicago, Chicago, 2001.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, H.; AMARILLAS, M. *Reduplication multiplication in Yaqui: meaning x form*. [S. l.]: [s. n.], 2003.

KRATZER, A. The event and the semantic of verbs. Disponível em: <http://semanticsarchive.net/Archive/GU1NWM4Z/>. Acesso em: mar. 2000.

KRIFKA, M. The origins of telicity. In: KRIFKA, M. *Events and grammar*. [S. l.]: Kluwer Academic Publishers, 1998.

LIMA, S. O. de. Duplicação, supleção, afixação e alternância verbal nas línguas Tupí: pluralidade de sintagmas nominais ou de eventos? *Apresentação do IX ENAPOL*, 2006. Texto enviado para publicação.

LOURO, R. L. *Fonologia Juruna*. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia e Lingüística

(Doutorado em  
lingüística). Université  
Paris VII, Paris, 1995.

SEKI, L. *Gramática do  
Kamaiurá: línguas Tupí-  
Guarani do Alto do Xingu*.  
Campinas: Editora da  
Unicamp, 2000.

SMITH, C. *The parameter  
of aspect*. 2. ed.  
Dordrecht: Kluwer, 1997.

STORTO, L. *Aspects of  
Karitiana grammar*. Tese  
(Doutorado em  
lingüística).  
Massachusetts Institute  
of Technology, 1999.

TENNY, C. *Aspectual roles  
and the syntax-semantics  
interface*. Dordrecht:  
Kluwer, 1994

TENNY, C.;  
PUSTEJOVSKY, J. A  
history of events in  
linguistic theory. In:  
*Events as a Grammatical  
Objects*, 2000.

differently from a transitive subject ( $S_t$ ), which receives an ergative special marker. Quite simply, the ergativity occurs on nominal case marking on the nouns and/or on the verbal agreement or cross-referencing of persons on the verbs. In fact, the ergative languages mixed the accusative and ergative marking has the split determined by (a) the semantic nature of the core NPs, (b) the tense or aspect of the clause, or (c) the grammatical status of the clause, whether it is main or subordinate. Besides that, ergative languages are not homogeneous, since there are morphological and syntactical ergative marking. Plainly, the ergativity occurs in

transitivo ( $S_t$ ) é sempre marcado formalmente e/ou uma concordância verbal que se dá entre o O e o verbo transitivo em lugar de com o  $S_t$  (cf. Comrie, 1978, p. 329 e 338).<sup>1</sup> Entretanto, a marcação ergativa raramente obedece a um padrão uniforme. Por esta razão, nas línguas ditas ergativas, os padrões ergativo e acusativo convivem, sobrepondo-se parcialmente, sendo que este fenômeno é conhecido como cisão na ergatividade ou ergatividade cindida. Como se vê, as línguas ergativas são, a rigor, apenas

<sup>1</sup> Neste artigo, usaremos os símbolos  $S_i$ , O e  $S_t$  nas construções ergativas, em princípio, ao invés de nos referirmos aos termos da gramática tradicional "sujeito" e "objeto direto" utilizados para ambos os sujeitos e para o objeto nas línguas acusativas.

clássico e do tipo ativo, o caso ergativo ocorre ainda nas línguas ditas tripartidas, isto é, nas línguas em que os argumentos NPs<sup>2</sup> são duplamente marcados por ergativo (o S<sub>i</sub>) e por acusativo (o O), portanto, sem que a distinção entre S<sub>i</sub> e O esteja obscurecida pelo absolutivo.

Desde o estudo pioneiro de Dixon, publicado em 1972, sobre a língua australiana dyirbal, sabemos que as línguas ergativas não formam uma classe homogênea. Na realidade, duas classes de línguas ergativas são reconhecidas na literatura, quais sejam: a) a das

<sup>2</sup> NP é a abreviatura do inglês *Noun Phrase* (i. é, "frase nominal") e tem o mesmo significado de "sintagma nominal". Aqui, usaremos a abreviatura em inglês.

já que uma das evidências de ergatividade, além da marcação diferenciada para  $S_t$ , é a ausência de construções passivas; e b) a das línguas "morfologicamente" ergativas. Nestas últimas, a ergatividade manifesta-se de duas formas: na marcação de Caso nominal e/ou nos sistemas de concordância verbal (cf. Comrie, 1978, p. 337-342; Givón,

a passiva tendo sido aplicada não se espera que se aplique novamente. Portanto, nas línguas ergativas a frase ergativa seria o resultado da passivização obrigatória dos verbos transitivos diretos. Câmara Jr. (1970, p. 188-189) exemplifica essa teoria "passivista" para a frase ergativa com a marcação casual no basco: haveria um caso nominativo (zero,  $\emptyset$ ) para o sujeito, que exprime o paciente (ex.: *gizoná*, 'homem'), e um caso "oblíquo" ergativo (sufixo '-k') para o agente (ex.: *gizonák*, 'pelo homem'); assim, com verbos transitivos ocorre os dois casos, correspondendo ao nosso passivo com sujeito-agente e complemento de agente, e com os intransitivos só ocorre nominativo (paciente), correspondendo igualmente a um verbo passivo.

e na estrutura sintática.<sup>5</sup>

No que concerne aos níveis morfológico e sintático, ainda não foram atestadas línguas ergativas “puras”, ou seja, línguas que possam ser consideradas completamente ergativas em ambos os níveis (cf. Dixon, 1994, p. 14). Não apenas isto: nem mesmo na marcação morfológica as línguas ergativas costumam ser “puras”. Neste particular, o basco parece representar a única exceção, uma vez que tem o tipo raro de ergatividade nominal e verbal sem cisão (cf. Bossong, 1984, p. 341). Seja como for,

<sup>5</sup> Bittner e Hale (1996a), em sua abordagem sintática minimalista, procuram reduzir esta distinção tradicional entre ergatividades sintática e morfológica a uma diferença estrutural, a saber: opacidade ou transparência de VP ao governo de C.

absolutiva nas línguas ergativas. Acredita-se, assim, que pode haver tendência para introduzir freqüentemente um novo participante no discurso por um argumento desempenhando o papel de  $S_i$  ou de O. Por conseguinte, haveria uma motivação no fluxo do discurso para unificar a categoria absolutiva não-marcada ( $S_i/O$ ) (ver comentários em Dixon, 1994, p.207-213). Neste estudo, entretanto, restringimo-nos ao tratamento da ergatividade como categoria gramatical.

Na discussão que segue, apresentamos, de modo sintético, os pontos essenciais sobre os diferentes subtipos de ergatividade

*nominativus*  
*transitivus*  
(atualmente  
denominado de  
"caso ergativo")  
para designar a  
marcação  
morfológica especial  
do sujeito transitivo  
no esquimó da  
Groelândia (cf.  
Dixon, 1994, p. 5).  
Com efeito, segundo  
Butt e Deo (2004, p.  
1), um tipo de  
marcador de caso  
especial para o  
sujeito também  
havia sido notado no  
basco por Pott, em  
1873, sendo referido  
então como  
"nominativo  
agentivo" por  
oposição ao  
"nominativo neutro"  
(atualmente  
chamado de  
"absolutivo").  
Efetivamente, o  
primeiro autor a  
usar o termo  
"ergativo" foi Adolf  
Dirr, que cunhou a  
expressão a partir  
da palavra grega

dizer, portanto, que o Caso ergativo é um "Caso subjetivo". Por outro lado, um padrão gramatical *exibe acusatividade morfológica* ao identificar  $S_i$  e  $S_t$ , ambos marcados pelo "Caso nominativo" (em geral, zero), por oposição ao O, que é marcado pelo "Caso acusativo". Sendo assim, o Caso acusativo é um "caso objetivo".

Podemos ilustrar, agora, as relações ou padrões – *nominativo-acusativo* e *absolutivo-ergativo* – nos esquemas a seguir em (1) (em que a linha cheia representa as funções que são manifestas pelo mesmo expoente

direto) (Comrie usa 'P(aciente)' para este constituinte). Desse modo, o sujeito intransitivo recebe seu símbolo privativo.

(1)

(a) Padrão  
nominativo-  
acusativo

(b)  
Padrão  
absolutivo-  
ergativo

$V_t < S_{tr} \ O >$

$V_t < S_{tr} \ O >$   
|

=

$V_i < S_i >$

$V_i < S_i >$

Nos estudos sobre ergatividade, convencionou-se denominar o sistema de Caso que adota as relações expressas no esquema em (1b) como do tipo "absolutivo-ergativo". Podemos examinar, agora, as relações **absolutivo-ergativas** ilustradas acima em (1b) nas sentenças em (2)

No groelandês ocidental, uma língua de morfologia polissintética e que exibe oito Casos gramaticais (cf. Manning, 1996, p.80; Gugeler, 2005, p. 13), o Caso ergativo é marcado pelos sufixos: `-(u)p' e `-(i)t', para o singular e para o plural, respectivamente, ao passo que o absolutivo é não-marcado por zero (∅) (cf. Manning, 1996, p. 80). Na literatura sobre o esquimó, há pouca consistência no uso dos nomes de Caso. Por isso, encontra-se também a denominação alternativa de "relativo" para a marcação do sujeito transitivo (ergativo) e de possessores (cf. Manning, 1996). Isto é, os mesmos sufixos casuais que marcam "ergativo"

$S_i$  tratado da mesma forma que O (absolutivo, não-marcado) e diferentemente de  $S_t$  (ergativo, marcado por '-p'). Isto é possível porque o vínculo absoluto abraça os NPs  $S_i$  e O como se constituíssem "uma categoria unitária a despeito da transitividade do verbo" (cf. Anderson, 1992, p. 351).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> O termo *absolutivo* foi empregado pela primeira vez na literatura sobre o esquimó (cf. Thalbitzer, 1911 apud Manning, 1996, p. 3-4). Em algumas análises, contudo, *nominativo* é usado para o caso de  $S_i$  e O num sistema ergativo (no lugar de "absolutivo") já que ambos os casos - o nominativo e o absolutivo - usualmente são morfologicamente *não marcados* (ou zero), embora se reconheça que isto pode causar alguma confusão com o sentido tradicional de nominativo como termo usado para o caso de  $S_i$  e  $S_t$ , por oposição ao caso "acusativo", usado para o O de  $V_t$  (cf. Dixon, 1987, p. 2, 1994, p. 11; Manning, 1996, p. 3-4). Nas línguas absolutivo-ergativas, "absolutivo" é sempre o caso não-marcado (parece não haver exceções). Assim, se um caso nominal numa língua ergativa tem realização zero, recebe o nome de "absolutivo" (cf. Dixon, 1987, p. 3).

construção e por um caso não-ergativo em outra sem que se leve em conta a agentividade do sujeito. Por outro lado, Givón (2001, p. 211) afirma que a marcação ergativa manifesta-se somente nas sentenças transitivas, o que faz com que o sistema absolutivo-ergativo, na visão do autor, constitua-se numa marcação casual "orientada para a transitividade". Desse modo, para Givón, a marcação de determinados S<sub>i</sub> com caso ergativo (nas chamadas línguas ativas, como assumimos aqui), enquadra-se, na verdade, em outro sistema casual – o ativo-estativo, por codificar o papel casual semântico do sujeito.

-- S<sub>t</sub> --  
 -- O --  
 -- V<sub>t</sub> --  
 Puer-  
 ∅  
 puella-**m**  
 amat  
  
 menin  
 o (NOM)  
 menina (AC)  
 ama-3sg.-  
 PRES  
  
 "O  
 menino ama  
 a menina"

Em latim, o Caso acusativo é marcado pelo sufixo '-m' e '-s', no singular e no plural, respectivamente, nos nomes da 1ª. declinação (com tema em '-a') (cf. Rónai, 1962, p. 691). Assim temos, em (3a) acima, o S<sub>i</sub> que recebe o Caso nominativo ('-∅', não-marcado) de modo idêntico ao S<sub>t</sub> em (3b), enquanto o O de V<sub>t</sub> em (3b) recebe, diferentemente, o Caso acusativo

marcação ativa. À guisa de transição, consideremos agora a diversidade existente na marcação casual das línguas do mundo. Para Comrie (1978, p. 331-334; 1981, p. 118-119) são cinco<sup>9</sup> os tipos logicamente possíveis de marcação que os três constituintes básicos  $S_i$ ,  $S_t$  e  $O$ <sup>10</sup>

<sup>9</sup> Dixon (1994, p. 39) admite três possibilidades que chama de básicas: os sistemas ergativo, acusativo e o "extremamente raro" tripartido.

<sup>10</sup> São quatro os principais recursos ou possibilidades utilizados para a marcação casual dos NPs: a) flexões de caso, isto é, morfemas "presos" (prefixos ou sufixos) aos NPs que especificam; b) partículas: morfemas "livres" ou "separados" que precedem (preposições) ou seguem (posposições) o NP que especificam ou com o qual combinam; c) concordância verbal: correspondência entre formas gramaticais; d) ordem das palavras: ordem de constituintes ou padrão oracional na sentença que pode ser *fixa* (isto é, "rígida"), quando a língua depende da ordem para exprimir relações gramaticais no interior das orações ou *flexível* (isto é, "livre"), quando as relações gramaticais são assinaladas por flexões e a ordem das palavras é muito livre. Atente-se para o fato que a marcação ergativa pode vir expressa por qualquer um dos

autor simplesmente como tipo (e).<sup>13</sup>

Segundo

Haspelmath (2005, p. 1),<sup>14</sup> os sistemas de marcação mais comumente encontrados são o acusativo, o ergativo e o neutro, sendo que o tripartido e o horizontal (tipo "(e)", para Comrie (1978) são "extremamente raros". Agora, devemos observar que a extrema raridade dos sistemas tripartido e horizontal parece sustentar a hipótese

<sup>13</sup> Payne (1980, p. 147-149) designa este sistema como "obliquo-duplo" (*double-oblique*, em inglês). Já Haspelmath (2005, p. 1) designa este caso como "horizontal". Enfim, segundo Comrie (1978, p. 334), este sistema "(e)" ainda não foi atestado nas línguas do mundo.

<sup>14</sup> Como já vimos, Dixon (1994, p. 40) também considera o tripartido "extremamente raro", contudo admite não haver exemplos conhecidos do sistema tripartido (cf. Dixon, 1994, p. 42). Já Comrie (1978, p. 333) considera o sistema tripartido como "relativamente raro", ressaltando que algumas línguas têm esse sistema para um número limitado de NPs. Para Payne (1980, p. 149), o tripartido é "raro".

marcação  
morfológica (cf.  
Givón, 1984, p. 148-  
149), a saber: a)  
ambos os sujeitos  
( $S_i$  e  $S_t$ ) e o objeto  
morfológicamente  
*não-marcados*,  
utilizando-se, para  
diferenciá-los, de  
uma ordem de  
palavra rígida (p.  
ex. no inglês); b)  
ambos o sujeito  
(seja  $S_i$ , seja  $S_t$ ) e o  
objeto  
morfológicamente  
*marcados* (p. ex. no  
coreano; c) *sujeito*  
( $S_i$  e  $S_t$ ) *não-*  
*marcado* e *objeto*  
*marcado* (p. ex. no  
hebraico moderno);  
e d) *sujeito* ( $S_i$  e  $S_t$ )  
*marcado* e *objeto*  
*não-marcado* (por  
exemplo no mojave,  
língua da família  
Yuman). Seja como  
for, segundo Dixon  
(1994, p. 62), as  
línguas que adotam  
o sistema  
nominativo-  
acusativo  
apresentam, em sua

tivas  
(S<sub>i</sub>) e o  
objeto  
(O)  
recebe  
m  
uniform  
emente  
marcaç  
ão  
absoluti  
va  
(não-  
marcad  
o, Ø),  
assim o  
ergativo  
é o  
membr  
o  
marcad  
o na  
oposiçã  
o; e

- o  
**ergativ  
o ativo**  
(ou  
*ativo-  
estativo*  
) que  
inclui  
na  
marcaç  
ão  
ergativa

línguas em que os verbos intransitivos não constituem uma classe homogênea na forma que havia sido estabelecida pela gramática tradicional de base greco-latina, mas estão divididos em duas classes,<sup>18</sup> a saber: ativos e estativos. Na literatura, a divisão dos verbos intransitivos em dois grupos é conhecida como divisão na intransitividade ou intransitividade dividida,<sup>19</sup> que pode

<sup>18</sup> Perlmutter e Postal (1984, p. 98) listam as duas classes de verbos intransitivos que denominam de "não-ergativo" (que corresponde à noção tradicional de "ativo" ou "de atividade") (unergative, em inglês) e de "inacusativo" (unaccusative, em inglês) que corresponde aos intransitivos "inativos" (cf. também Burzio, 1986 e Van Valin, 1990). Esta distinção foi formulada como a hipótese sintática da Não-Acusatividade por Perlmutter em 1978 (cf. Levin; Hovav, 1995, p. 2-3).

<sup>19</sup> Na classificação que Dixon (1994, p. 70-83) divisa para os verbos intransitivos temos: a) uma classe "fixa" de Vi, em que os Si estão divididos em dois conjuntos, segundo uma base semântica firme (prototípica) (em

“ativo”  
é  
tratado  
semanti-  
cament  
e como  
“agente  
”,<sup>20</sup>

- o **S<sub>i</sub>** de **V<sub>i</sub>** **estativ** **o** (isto é, não-ativo ou “neutro” na classificação de Boas e Deloria, 1941, (por exemplo, ‘ser’, ‘parecer’, ‘morrer’, ‘dormir’ ou

<sup>20</sup> Por exemplo, em kashmiri (família indo-ariana) (cf. Sharma, 2000, p. 243), a marcação ergativa restringe-se aos sujeitos de verbos transitivos e de intransitivos “volicionais” também denominados de intransitivos “excepcionais”.

o" (ou pouco dinâmico) é tratado semanticamente e como "paciente".

Até aqui, vimos que, em adição aos dois padrões de marcação casual mais comumente encontrados – o nominativo-acusativo e o absolutivo-ergativo, existe um terceiro tipo que é o ativo-estativo ou simplesmente ativo (Givón, 2001). Em algumas línguas ativas, os  $S_i$  são tratados como se pertencessem a dois grupos de intransitivos: os ativos e os estativos. Sendo assim, o agrupamento dá-se

grau de  
agentividade que  
possibilite  
interpretar a ação  
do  $S_i$  como realizada  
propositadamente, o  
 $S_i$  pode vir  
opcionalmente  
marcado com o  
sufixo ergativo '-ne',  
isto é, com a marca  
morfológica ergativa  
dos  $S_t$ .<sup>22</sup> Pode-se  
afirmar, então, que  
em algumas línguas  
ergativas fatores  
semânticos (e não  
apenas lexicais ou  
sintáticos)  
determinam a  
escolha de caso do  
NP-sujeito. Por este  
motivo, essa  
marcação é  
denominada de  
"ergatividade  
fluida".

Neste ponto,  
saliente-se que,  
além de ocorrer na  
marcação ativa, o  
caso ergativo ainda

<sup>22</sup> Butt & Deo (2004, p. 1)  
afirmam que todas as línguas  
indo-arianas com caso ergativo  
podem ser classificadas no tipo  
ativo.

(acusativo, '-ne') e o S<sub>t</sub> vem marcado pelo sufixo de ergativo ('-nm'). Assim sendo, em Nez perce convivem três padrões casuais (cf. Rude, 1986, p.124; 1991, p.24-25; Givón, 2001, p.209), o que faz desta língua um exemplo do tipo de marcação tripartido.<sup>23</sup>

Dixon (1994, p. 21 e 188), contudo, não aceita que se estenda o conceito de ergatividade dessa maneira. Na realidade, Dixon admite unicamente como marcação ergativa a definição clássica de S<sub>t</sub> oposto a S<sub>i</sub>/O. No entanto, Dixon (1994, p. 188) reconhece, afinal, que o Nez perce adota

<sup>23</sup> O Nez perce é considerado como uma língua de marcação tripartida por Rude (1991, p. 24), Bittner & Hale, (1996a, p. 3) e Woolford (2000, p. 23 e 31-32).

ocorre de fato é o seguinte: na ergatividade cindida é o  $S_t$  que vem não-marcado como  $S_i$  nas sentenças não-ergativas, ao passo que nas línguas do tipo ativo é a marcação casual do  $S_i$  que varia, podendo concordar com o sujeito agente (quando o evento ocorreu como resultado da ação ou inação do sujeito) ou com o paciente (quando as causas do evento foram externas ao sujeito).

Para sintetizar esta seção, vamos rever os sistemas de caso e as línguas discutidas na Tabela 1 que segue:<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Esta tabela (1), elaborada com base em Bittner & Hale (1996a), representa uma "idealização", pois considera todas as línguas ergativas ou acusativas como "puras" em relação à marcação casual dos NPs, ou seja, não apresentando cisões. As abreviaturas são lidas como segue: S<sub>i</sub>-At, sujeito intransitivo ativo; e S<sub>i</sub>-Est, sujeito intransitivo estativo.

	<b>ia</b> <b>o</b>		<b>S<sub>i</sub>-At</b>	<b>S<sub>i</sub>-Est</b>	<b>S<sub>t</sub></b>	<b>O</b>	<b>Línguas citadas</b>
	VO	NOM-AC	NOM	NOM	NOM	AC	Latim
	o	ABS- ERG	ABS	ABS	ERG	ABS	Groelandês, Dyirbal
	o	ABS- ERG	ERG	ABS	ERG	ABS	Basco
	do	AC-ERG	NOM	NOM	ERG	AC	Nez perce

Em suma, nas línguas ergativas ativas, além do S<sub>t</sub>, o S<sub>i</sub> também pode receber marca ergativa (em geral, com marca morfológica idêntica à do S<sub>t</sub>), quebrando, assim, o vínculo absolutivo (S<sub>i</sub>/O). Pelo visto, as línguas ativas e as línguas tripartidas apresentam este ponto em comum: ambas não respeitam a unidade do absolutivo. No caso das tripartidas, a unidade é desfeita pela adoção de marca acusativa para o objeto direto.

Para concluir, ressalte-se que a maioria das línguas

nominativo-  
acusativa, há  
autores que  
consideram a  
ergatividade como  
um fenômeno  
superficial sem  
maiores  
conseqüências na  
organização  
gramatical (ver  
observações em  
Comrie, 1978 e  
Anderson, 1976).<sup>26</sup>

**Ergatividade  
morfológica:  
concordância  
verbal**

Existem línguas  
ergativas que além  
de exibirem  
marcação casual  
ergativa dos NPs  
também podem  
apresentar  
concordância verbal

<sup>26</sup> Chomsky (1995, p. 176) sugere que a distinção entre os dois tipos de marcação, o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo, pode ser reduzida a uma questão morfológica trivial. Ademais, Chomsky e também Bobaljik (1992) identificam o caso ergativo com o nominativo. Já segundo Bittner e Hale (1996a, p. 51), autores como Murasugi e Campana identificam o ergativo com o acusativo.

línguas o sistema ergativo de marcação nominal pode co-ocorrer com a concordância verbal acusativa, sendo que o inverso é "raro ou inexistente". Do mesmo modo, Anderson (1999, p. 182) observa que "aparentemente não há línguas em que a concordância seja ergativa e a marcação casual seja acusativa".

A língua brasileira kaingáng (da família Jê) exhibe concordância verbal ergativa. O kaingáng vale-se de um sistema complexo de pluralização verbal (cf. Mullen, 1966; Wiesemann, 1972, p. 94-99; Cavalcante, 1987, p. 58-90) em que os verbos têm raízes de uma, duas ou, mais raramente, de mais de duas sílabas, sendo que a

pluralidade do  
objeto.

Nas orações  
intransitivas em (6a,  
b) abaixo,  
mostramos a  
concordância do  $V_i$   
com o  $S_i$ :

(6) Kaingáng do  
Paraná (Jê)

a)

--  $S_i$   
--  $V_i$ --  
-

*pipã̃m*  
wã **tē**  
tĩ

pavó  
(NOM)  
voar-SING  
habitual-ASP

"O  
pavó voa"

b)

--  $S_i$  --  
--  $V_i$ --

*krĩnkrĩ*  
r ag<sup>u</sup> tɔg<sup>u</sup>  
**tēgtē**

aragu  
aí eles (ERG)  
voar-PL

"Os  
araguáís  
voaram"

(6) Kaingáng do  
Paraná (Jê)

c)

-- S<sub>t</sub> --  
-- O --  
-- V<sub>t</sub>--

*rẽĩr*  
*ĩĩ gãr* ∅  
**kãngãg**  
*tĩ*

sol  
(NOM)  
milho (ABS)  
secar-SING  
habitual

"O sol  
seca o milho"

d)

-- S<sub>t</sub> --  
-- O -- --  
V<sub>t</sub>--

*fag*<sup>o</sup>  
*tog*<sup>o</sup> *ti* ∅  
**ko**  
*mũ*

elas  
(ERG) ele  
(ABS) comer-  
SING  
progressivo

concordam com o  $S_t$ , o que indica que a língua determina a concordância verbal, ao menos na fala cuidadosa, numa base absolutivo-ergativa.<sup>29</sup>

Para concluir, sublinhe-se que há uma correlação tipológica importante entre a ordem normal do verbo e o objeto e a marcação ergativa, que pode ser resumida assim: a concordância verbal nas orações transitivas do kaingáng do Paraná, em (6c, d) acima, mostra que, como na oração ergativa o objeto (isto é, o

<sup>29</sup> Em Bomfoco (2005), demonstramos que a concordância ergativa de número em kaingáng ocorre a despeito do aspecto da oração e da ordem de constituintes, além de não distinguir sujeitos marcados pelas posições de caso, ocorrendo independentemente da marcação casual dos NPs. Desse modo, pudemos concluir que, a princípio, parece haver no kaingáng um sistema "ergativo puro" somente na concordância verbal. O mesmo vale para o xoklég, a língua irmã do kaingáng (cf. Urban, 1985, p. 176).

oração acusativa, em que o objeto é marcado, o mesmo vínculo é estabelecido entre sujeito (nominativo,  $\emptyset$ ) e verbo (S-V), o que é evidenciado pela obrigação de concordância entre ambos (por conseguinte, a ordem de constituintes básica SVO é muito comum nas línguas acusativas). Pode-se constatar, portanto, a ausência da ordem rígida SVO nas línguas sintática e morfologicamente ergativas (cf. Bittner; Hale, 1996a, p. 14).

### **Ergatividade cindida**

Já tivemos oportunidade de

ocorre também no shilluk, uma língua nilótica (assim como o pãri) em que, segundo Miller e Gilley (2001, p. 36-7), a marcação de um constituinte  $S_c$  com caso ergativo ocorre somente quando o  $S_c$  é pós-verbal (isto é, ocorre na ordem OVS).

da sentença). Note-se que freqüentemente uma mesma língua ergativa apresenta mais de um desses fatores.

***Cisão de tempo/aspecto***

O tipo mais comum de cisão encontrado nas línguas ergativas é determinado pelo tempo ou pelo aspecto verbal da sentença (cf. Comrie, 1978, p. 351). Em geral, a marcação ergativa,  $S_t-S_i/O$ , é encontrada no tempo passado ou no aspecto perfectivo, enquanto a marcação acusativa,  $O - S_i/S_t$ , nos demais. Desse modo, o caso ergativo será encontrado em sentenças que descrevem ação ou resultado definido no tempo passado

NPs S<sub>t</sub> e O (lembramos que as línguas se valem dos casos citados justamente para distinguir S<sub>t</sub> e O nas orações transitivas). Esta cisão na marcação nominal motivada pela natureza semântica dos NPs é comumente encontrada nas línguas australianas. Silverstein (1976, 1986) propôs uma hierarquia de animacidade para os possíveis participantes de um evento, tendo em vista que certos tipos de nominais apresentam maior probabilidade de controlar o evento em que ocorrem. Vejamos a hierarquia de animacidade, a seguir, na Tabela 2.

Tabela 2

Demonstrativos Pron. 3 <sup>a</sup> . p	>	Nomes próprios	>	Nomes comuns (Humanos > Animados > Inanimados)
--	---	-------------------	---	--

significados inesperados.

Parece claro, portanto, que quanto mais à esquerda estiver um participante na hierarquia de animacidade, é mais provável que receba marcação casual no padrão acusativo, e quanto mais à direita, é mais provável que seja marcado casualmente por ergativo (cf. Anderson, 1999, p. 183). Considere-se, por exemplo, a marcação em Dyirbal: nesta língua, os pronomes pessoais da 1ª. e 2ª. pessoas seguem o sistema nominativo-acusativo ( $S_i/S_i, \emptyset$ ;  $O, \text{'-na'}$ ), enquanto os pronomes da 3ª. pessoa e os NPs plenos seguem o sistema absolutivo-ergativo ( $S_i, \text{'-ygu'}$ ;  $S_i/O, \emptyset$ ) (cf. Dixon, 1994, p. 86). Assim,

dois principais fatores que propiciam a marcação ergativa são o grau de agentividade do sujeito (opcional se o agente for animado, e obrigatório se inanimado) e a "expectativa" de o agente ser interpretado como agente (cf. McGregor, 1992, p. 275-276, p. 280).

#### ***Cisão oracional***

Os estudos sobre a ergatividade sugerem que, em algumas línguas ergativas, a marcação casual dos NPs pode obedecer a um padrão de caso nas orações principais e a outro padrão nas orações subordinadas (cf. Dixon, 1994, p. 101-102). Um exemplo para este tipo de cisão é o que ocorre, segundo Comrie

sempre ergativas na sua concordância com a oração principal. Dixon (1994, p. 103) ressalta que são conhecidos poucos casos de cisão na sentença principal/subordinada.

***Ergatividade sintática***

Já sabemos que nem todas as línguas morfologicamente ergativas apresentam características do que se convencionou chamar de "ergatividade sintática". Sendo assim, a ergatividade sintática não é uma consequência direta da ergatividade morfológica. Ainda assim, todas as línguas sintaticamente ergativas adotam algum tipo de

diferentemente de  $S_t$ .

Pois bem, as línguas que apresentam sintaxe "acusativa" operam com *pivot* (sujeito gramatical)  $S_i/S_t$ , isto é, com regras gramaticais sensíveis à correferência sintática  $S_i - S_t$ , opondo-se ao objeto. Este parece ser o caso da regra de coordenação do inglês, como podemos ver em (5) a seguir:

(5)

-----  
-- **S<sub>t</sub>** -- -- V<sub>t</sub>  
-- -- O -- [   
**S<sub>i</sub>** ] -- V<sub>i</sub> -  
**John** saw  
Mary and Ø  
sat down

"John viu  
Mary e (John/\*Mary)  
sentou"

Dixon (1987,  
p. 4)

sentenças não-marcadas tornam-se complexas quando ambas são membros de um par correferencial sintaticamente absolutivo. Portanto, em dyirbal o apagamento de um NP na coordenação de duas orações pode acontecer quando, ao contrário do que ocorre no inglês, envolvem um NP comum que esteja em função de  $S_i$  numa oração e de O na outra.<sup>31</sup> Consideremos em (6a) abaixo a tradução para o dyirbal da sentença inglesa em (5) acima:

(6a)

-----

<sup>31</sup> Cooreman (1988, p. 743) afirma que nas narrativas do dyirbal verifica-se uma frequência relativamente baixa de padrões de correlação ergativo baseados no pivô  $S_i/O$ . Isto é, a possibilidade de correferência sintaticamente absolutiva não parece ser muito freqüente.

também contrasta com o inglês, no qual a função sintática é determinada pela ordem dos constituintes e mudanças na ordem alteram o significado das sentenças.

Podemos apreciar mais um exemplo da ergatividade sintática do dyirbal na sentença (6b) a seguir:

-----

[ **S<sub>t</sub>** ] -- O --  
 -- V<sub>t</sub> --                      -- V<sub>i</sub> --  
 -        - **S<sub>i</sub>** --

∅    seme-a  
 eskolan    utzi eta  
 klasera joan zen

filho-ABS na  
 escola deixar e à  
 aula ir ela/e

"X        deixou  
 seu/sua filho(a) na  
 escola e X (\*o filho) foi  
 à aula"

(Ortiz        de  
 Urbina, 1989, p. 23  
*apud* Holmer, 2001,  
 p. 2)

Como se vê, o basco é uma língua ergativa que adota o *pivot* S<sub>i</sub>/S<sub>t</sub> para a omissão de constituintes na coordenação entre sentenças. Em resumo, em inglês e em basco os membros do par correferencial são ambos "nominativos" (S<sub>i</sub>/S<sub>t</sub>), enquanto o

Na descrição clássica de ergatividade morfológica (Comrie, 1978 e Dixon, 1979), estabeleceu-se como ergativas aquelas línguas que adotam marcação especial de  $S_t$  (ergativo) por oposição ao vínculo não-marcado entre  $S_i$  e O (absolutivo). Neste nível morfológico, há línguas que também podem apresentar a concordância verbal numa base ergativa (isto é, entre  $V_t/O$ , e não com o  $S_t$ ). No entanto e como aqueles mesmos autores reconhecem, existe grande diversidade tipológica entre as línguas chamadas de ergativas. Em primeiro lugar, a marcação casual de  $S_t$  nunca se mostra "pura", ou seja, não obedece

(com alta transitividade, por exemplo, nas sentenças perfectivas), enquanto os  $S_i$  estativos são marcados como pacientes (por zero). De igual modo, as raras línguas tripartidas (que também nunca são puras) quebram a unidade morfológica absoluta ao adotar marca de acusativo para o O.

No que se refere aos dois problemas apontados, vimos que Dixon (1994) não aceita que o conceito de ergativo clássico seja "estendido" para abrigar determinados  $S_i$ , preferindo considerar esta marcação como resultado de cisão condicionada pela natureza do verbo. Acontece, porém,

que o O vem marcado por "objeto direto" ("DO", *direct object*, em inglês), e não por acusativo. Por sua vez, Dixon (1994) não adota o conceito de sistema tripartido, apesar de reconhecer a complexidade da marcação casual no Nez perce.

Por tudo isso, seguimos, aqui, um conceito mais flexível de ergatividade baseado na presença de marca morfológica especial de caso para  $S_i/S_o$  e pela concordância entre  $V_i/O$ , que possibilitou reconhecer a ocorrência de ergatividade em três tipos de línguas, assim denominadas na literatura especializada: ergativas (do tipo clássico), ergativas ativas (ou simplesmente

quadro mais  
completo deste  
sistema.

Justamente, a  
dificuldade está em  
que, por serem  
faladas em nações  
pobres ou em  
desenvolvimento,  
nas quais a pesquisa  
lingüística não é  
prioridade, a maior  
parte das línguas  
ergativas ainda não  
foi descritas, sendo  
que outras estão  
apenas parcialmente  
descritas (ver  
Urban, 1985, p. 1 e  
Derbyshire, 1987).

### **Referências**

ANDERSON, S. R. On the  
notion of subject in  
ergative languages. In:  
LI, C. (Ed.). *Subject and  
topic*. New York:  
Academic Press, 1976. p  
1-23.

ANDERSON, S. R.  
Inflectional morphology.  
In: SHOPEN, T. (Ed.).  
*Language typology and  
syntactic description*.

*geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese (Doutorado em ciências). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1987.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

COMRIE, B. Ergativity. In: LEHMANN, W. P. (Ed.). *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. Austin/London: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1981.

COOREMAN, A. Ergativity in Dyirbal discourse. *Linguistics*, n. 26, p. 717-746, 1988.

CREISSELS, D. Typology. In: HEINE, B.; NURSE, D. (Ed.). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 231-258.

DE LANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language*, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

GIVÓN, T. *Syntax. an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. I.

GUGELER, T. Ergativität in Inuktitut. Disponível em: <<http://www.fb10.uni-bremen.de/iaas/workshop/ergativ/gugeler/pdf>> Acesso em: 24 out. 2005.

HASPELMATH, M. Universals of differential case marking. Disponível em: <<http://www.eva.mpg.de/~haspelmt/2.DiffCaseMarking.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

HOOKE, P.; MODI, B. Fluid ergativity in Gujarati. Disponível em: <<http://www-personal.umich.edu/~pehook/gujflerg.html>>. Acesso em: 11 out. 2001.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

JOHNS, A. Deriving ergativity. *Linguistic Inquiry*, n. 23, p. 57-87, 1992.

LEVIN, B. *On the nature of ergativity*. Tese (Doutorado em lingüística). Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Cambridge/EUA, 1983.

LEVIN, B.; HOVAV, M. R. *Unaccusativity*. At the

Porto Alegre: Globo, 1962.

RUDE, N. Topicality, transitivity, and the direct object in Nez perce. *IJAL*, v. 52, n. 2, p. 124-153, 1986.

RUDE, N. On the origin of the Nez perce ergative NP suffix. *IJAL*, v. 57, n. 1, p. 24-50, 1991.

SHARMA, D. Kashmiri case clitics and person hierarchy effects. In: SELLS, P. (Ed.). *Formal and empirical issues in Optimality Theoretic Syntax*. Stanford: CSLI, 2001. p. 225-256.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: MUYSKEN, P.; VAN RIEMSDIJK, H. (Ed.). *Features and projections*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 163-232.

URBAN, G. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, v. 51, n. 2, p. 164-187, 1985.

WIESEMANN, U. *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*. Paris/Mouton: The Hague, 1972.

WIESEMANN, U. The pronoun systems of some Je and Macro-Je languages. In: WIESEMANN, U. (Ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunter Narr, 1986. p. 359-380.

**v**  
**v v**  
**v v**  
**viva voz**